

Ludwik Fleck

FABREFACTUM
editora

CONSELHO EDITORIAL

EDITORES

Prof. Rodrigo Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Francisco de Paula Antunes Lima

Universidade Federal de Minas Gerais

MEMBROS

Prof. Antonio Arellano Hernández

Universidad Autónoma del Estado de México

Prof. David Hess

Rensselaer Polytechnic Institute

Prof. Dominique Vinck

Université Pierre Mendès France de Grenoble

Prof. Harry Collins

Cardiff University

Prof. Henrique Luiz Cukierman

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Ivan da Costa Marques

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. João Porto de Albuquerque

Universidade de São Paulo

Dr. José Marçal Jackson Filho

Fundacentro - RJ

Profa. Léa Maria Leme Strini Velho

Universidade Estadual de Campinas

Profa. Máira Baumgarten

Universidade Federal do Rio Grande

Dra. Maria Cristina Guimarães

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Profa. Maria Elizabeth Antunes Lima

Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Maria Lúcia Álvares Maciel

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Mário Sérgio Salerno

Universidade de São Paulo

Prof. Michel Jean Marie Thiollent

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Michelangelo Trigueiro

Universidade de Brasília

Prof. Rob Evans

Cardiff University

Prof. Thales Haddad Novaes de Andrade

Universidade Federal de São Carlos

Prof. Wiebe Bijker

Maastricht University

Prof. Yves Schwartz

Université de Provence

Gênese e desenvolvimento de um fato científico

Introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento


FABREFACTUM
editora

1

Como surgiu o conceito atual de sífilis

a entidade nosológica místico-ética, empírico-terapêutica, patogênica e etiológica – e sua sequência histórica

Estamos em condições de rastrear as fontes históricas das ideias sobre a sífilis (*Syphidologie*) sem lacunas até o final do século XV. Elas contêm descrições de uma doença específica mais ou menos diferenciada (de uma chamada *entidade nosológica*, como costumamos dizer hoje), que corresponde historicamente ao nosso conceito de sífilis, se bem que a delimitação e a designação da entidade nosológica tenham mudado consideravelmente. A sintomatologia da doença também passou por algumas mudanças. Por volta do final do século XV, a linha evolutiva do saber sobre a sífilis, para a nossa retrospectiva, desaparece num emaranhado não diferenciado de conhecimentos da época sobre doenças mais ou menos epidêmicas e crônicas com sintomas dermatológicos e frequente localização nos órgãos genitais.

Além da sífilis, podemos suspeitar, nessa mistura primitiva de entidades muito diversas, que se cristalizaram durante os séculos seguintes, o que hoje distinguimos como lepra, escabiose, tuberculose cutânea, óssea e glandular, varíola, micoses da pele, gonorreia, cancro mole e, provavelmente, também o linfogranuloma venéreo e muitas outras doenças de pele ainda hoje consideradas “não específicas”, além de doenças constitucionais, como, por exemplo, a gota.

A situação política confusa na Europa do final do século XV, as guerras, a fome, as catástrofes elementares, como o calor descomunal e as inundações que assolavam inúmeras regiões, causavam um acúmulo terrível de epidemias e doenças.¹ Essa concentração de flagelos e a horrível miséria dela decorrente atçaram a atenção dos pesquisadores e levaram ao desenvolvimento da ideia da sífilis.

Foi uma circunstância particular, sobretudo a constelação astrológica, que fez surgir essa ideia, ou pelo menos um de seus elementos: “A maioria dos escritores supõe que a conjunção de Saturno e Júpiter em 25/11/1484, sob o signo do Escorpião e na casa de Marte, tenha sido a causa da epidemia venérea. O bom Júpiter sucumbiu aos maus planetas Saturno e Marte, e o signo de Escorpião, ao qual são submetidas as partes genitais, explica por que os órgãos genitais eram o ponto de ataque das novas doenças.”²

Quem sabe do papel dominante da astrologia naquele momento vê com facilidade a importância propagandística dessa explicação astrológica da origem da sífilis para a pesquisa da época. Verifica-se que quase todos os autores antigos fazem alusões à origem sideral da sífilis, como a primeira e mais importante *causa* da epidemia. “Além do mais, esse processo de doença, segundo a maioria, tem início no aparelho genital e daí se expande para o corpo inteiro: não se pode encontrar nenhuma outra doença que assim se inicie. Mas eu próprio sou de opinião de que isso acontece por causa de uma certa analogia entre a genitália e essa doença, tendo em conta o influxo celeste, segundo afirmam os astrônomos, da conjunção de Saturno e Júpiter na terceira face/casa de Escorpião no 23 passo, ultrapassado o 1484 e, além disso, a configuração de outras estrelas fixas, assim como do tempo e, simultaneamente, de demais ocorrências. Disso decorre que, em longos intervalos de tempo, veem surgir muitas doenças e, ao mesmo tempo, muitos idosos morrerem, como, de modo claro, mostraremos abaixo. E como da ação conjunta dos astros essa doença tenha tirado sua origem e,

¹ I. Bloch, *Ursprung der Syphilis* [Origem da Sífilis], 1901 e 1911, Vol. I. p. 138. Baas, *Grundriß der Geschichte der Medizin* [Fundamentos da História da Medicina], 1876. p. 259. Hergt, *Geschichte, Erkenntnis und Heilung der Lustseuche* [História, Descoberta e Cura da Epidemia Venérea], 1826. p. 47 e 56.

² Bloch, op. cit., vol. I. p. 26.

pela mesma razão seja fomentada, sobretudo sob o signo de escorpião, que “rege” as partes genitais...”³

Somente as relações explicadas dentro do mesmo estilo permanecem na memória social e são passíveis de desenvolvimento. Dessa maneira, a astrologia contribuiu para definir o caráter venéreo da sífilis como sendo sua primeira *differentia specifica*. A doutrina religiosa da doença enquanto castigo pelo prazer pecaminoso e da importância ética peculiar do coito fixou definitivamente esse pilar central da sifilologia (*Syphidologie*), conferindo-lhe um caráter específico com uma ênfase no aspecto ético. “Alguns remetem a causa dessa doença a Deus, que teria enviado a doença, pois ele quer que os seres humanos evitem o pecado da luxúria.”⁴

A epidemia fornecia o material; a necessidade, o estímulo à pesquisa. A astrologia, a ciência dominante, e a religião, criadora de um psiquismo místico, produziram aquele ambiente sociopsicológico que, durante séculos, havia favorecido a segregação e consequente fixação do caráter venéreo com ênfase psíquica da entidade nosológica recém-determinada. Assim, essa entidade recebeu o estigma da fatalidade e do pecaminoso, estigma este que carrega até hoje de acordo com o sentimento de amplas camadas sociais.

Essa ideia fundamental da sifilologia, a doutrina da natureza venérea da sífilis⁵ ou da sífilis *enquanto doença venérea por excelência*, hoje nos parece ser demasiadamente ampla: não apenas abrange aquilo que hoje chamamos de sífilis, mas também as outras doenças venéreas, das quais foram isoladas até hoje, em ordem cronológica,

³ *De morbo Gallico* [Do Mal Francês], Benedicti Rinii Veneti, Tractatus. p. 18.

⁴ Antonius Musa Brassavola, *De morbo Gallico*, Tractatus, apud Bloch, op. cit., vol. I. p. 17.

⁵ O nome “*morbus venericus*” deve-se supostamente a Bethencourt (1527), mas a natureza venérea da doença já havia sido destacada antes. Joh. Widmann, *Tractatus de pustulis et morbo qui vulgato nomine mal Franzos appellatur* [Tratado das Pústulas e da Doença que, sob Denominação Popular, É Chamada Mal Francês], 1497: “Com máximo cuidado, contudo, deve-se evitar que se tenham relações sexuais com uma mulher que apresente pústulas; o mesmo se aplica ao homem com pústulas: em relação a uma mulher sadia, antes de um pequeno espaço de tempo, para que se evite o perigo do contágio” (Geigel, p. 11). Almenár, *de morbo Gallico libellus* [Livrinho sobre a Sífilis] 1502: “Acutele-se o homem da excessiva intimidade com pessoas infectadas e, principalmente, evite o coito com uma mulher infectada; esta é, de verdade, uma doença contagiosa.” (Geigel, p. 11).

a gonorreia, o cancro mole e, finalmente, o linfogranuloma venéreo. No entanto, sua fundamentação sociopsicológica e histórica era tão forte que foram necessários quatrocentos anos até que a influência de outras linhas de desenvolvimento pudessem levar a cabo sua separação definitiva. Essa tendência perseverante comprova que não foram as chamadas observações empíricas que realizaram a construção e a fixação da ideia, mas sim que fatores particulares oriundos das profundezas da psique e da tradição desempenharam um papel decisivo.

Esse primeiro elemento dos conhecimentos sobre a sífilis, que surgiram no final do século XV e durante o século XVI, não era, portanto, o único. Numa relação de efeito mútuo com esse elemento, surgiram três outras ideias, provenientes de outras camadas sociais e outras épocas. Somente essa relação mútua, a colaboração e o antagonismo entre essas ideias levaram à determinação da sífilis enquanto entidade nosológica ao estado atual.

A segunda ideia surge junto à empiria médica, isto é, do tesouro farmacêutico. Sudhoff comenta: “Através da prática de décadas, e certamente através de várias gerações, aprendeu-se a separar do grande exército das moléstias cutâneas crônicas um grupo que, mediante aplicações de pomadas de mercúrio, passou a mostrar um efeito favorável ou até mesmo casos de cura [...]”

Esse conhecimento terapêutico também chega aos círculos dos clínicos gerais e, em meados do século XIV, encontramos, pela primeira vez, uma denominação resumida dessas moléstias cutâneas crônicas que podem ser curadas mediante a aplicação geral de mercúrio, dentro do grande exército das escabioses, isto é, dos eczemas crônicos e das dermatoses afins, como *Scabies grossa*.⁶

Sudhoff, portanto, vê no mercúrio, cuja aplicação está radicada na vetusta terapia dos metais, o verdadeiro e único pai do conceito de sífilis, o que me parece ser inadequado. Primeiro, porque há textos antigos sobre a sífilis nos quais o mercúrio não é mencionado, apesar de falarem dessa entidade nosológica. Segundo,

⁶ Um dos nomes antigos para a sífilis. As opiniões de Sudhoff sobre os diagnósticos da sífilis já no século XIV não são geralmente reconhecidas. É somente no final do século XV que a doença ganha a atenção pública. Sudhoff, *Der Ursprung der Syphilis* [A Origem da Sífilis], 1913. p. 13-14.

porque o mercúrio era o remédio preferido contra muitas outras dermatoses, como, por exemplo, a escabiose e a lepra. Terceiro, porque, se o efeito curativo do mercúrio fosse o único decisivo, não haveria motivo de associar as outras doenças venéreas, como gonorreia e cancro mole, à sífilis, uma vez que não reagem ao mercúrio. Por isso, o efeito curativo do mercúrio é, ao meu ver, apenas um fator secundário no reconhecimento da sífilis.

Mesmo assim, não se deve ignorar sua importância, pois a aplicação do mercúrio para a cura da sífilis era muito difundida. Assim, lê-se por exemplo: “Metálicas são, principalmente, a prata viva [= mercúrio].” Ou “Funde-se a matéria com esses metais, especialmente a prata viva (= mercúrio), eu, por minha vez, utilizo, de preferência, o cinábrio ao invés do sublimado.”⁷ Curiosamente, até a salivação tóxica durante a cura com mercúrio era considerada um efeito terapêutico, como *evacuatio* da substância tóxica da sífilis. “Muitas vezes isso se faz, principalmente, pelo escarro (... pela evacuação), de nenhuma outra maneira melhor se pode fazê-lo do que pela prata viva [= mercúrio].”⁸

A aplicação do mercúrio à sífilis é tida como uma evidência tradicional, embora associada ao risco da intoxicação. Mas, mesmo assim, “Tão nobre e tão útil, sob muitos nomes, e necessário é o mercúrio.”⁹ Com o passar do tempo, os conhecimentos sobre os efeitos do mercúrio ganham vigor e tornam-se universais. Também é usado para o diagnóstico que se baseia no sucesso da cura (diagnóstico *ex jvantibus*).

Mas, mesmo até o século XIX, o mercúrio não era suficiente para se chegar satisfatoriamente à determinação do conceito de sífilis. Conforme à ideia de ser ela a epidemia venérea por excelência, agregavam-se à sífilis as outras doenças venéreas, isoladas posteriormente com base no critério patogênico e etiológico, como a gonorreia, o cancro mole e suas complicações, assim como doenças locais dos órgãos genitais, como a balanite, tidas ainda atualmente como “inespecíficas”. Tais doenças não são influenciadas pelo mercúrio; ou seja, para unir as duas hipóteses, tanto a do mercúrio quanto a da

⁷ *De morbo Gallico* [Do Mal Francês], Fran. Frizimelicae, Tract. p. 33.

⁸ *Ibid.*, p. 33.

⁹ *Methodus de morbo Gallico* [Método Contra o Mal Francês], Prosperi Borgarutii, 1567. p. 178.

doença venérea, declarava-se que “em alguns casos, o mercúrio não cura a doença venérea, mas chega a piorá-la.”¹⁰ Assim, evitou-se um posicionamento definitivo. Na verdade, a hipótese do mercúrio somente ganha importância na investigação da chamada sífilis constitucional, isto é, no estágio da infecção generalizada. O estágio primário, propriamente venéreo por se localizar nos genitais, não foi atingido por essa hipótese: era o domínio da ideia da epidemia venérea.

Dessa maneira surgiram e se desenvolveram, em paralelo, em conjunto e em oposição, duas posições: 1) a entidade nosológica ético mística chamada “epidemia venérea” e 2) a entidade nosológica empírico-terapêutica. Nenhuma dessas duas posições foi mantida rigorosamente; ambas, apesar de contraditórias, confundiram-se. Elementos teóricos e práticos, apriorísticos e puramente empíricos se interpenetraram – não segundo as regras da lógica, mas da psicologia: a empiria cedeu o lugar aos apriorismos emotivos.

Havia também médicos que duvidaram até mesmo da existência da sífilis. Num texto do século XVI, lê-se: “Dizem alguns verdadeiramente não existir a doença gálica (a sífilis), mas ser isso uma certa ilusão de nossos homens. De fato, o que qualificamos como sífilis, eles dizem ser diversas outras doenças”.¹¹

¹⁰ Hergt, *Geschichte, Erkenntnis und Heilung der Lustseuche* [História, Descoberta e Cura da Epidemia Venérea]. Hadamar, 1826. O livro apresenta uma dedicatória característica: “Aos oxidulos de mercúrio, óxidos de mercúrio e sais de mercúrio o autor presta o maior respeito pelos seus méritos em favor da humanidade sofredora.”

¹¹ *De Morbo Gallico*, [Da Sífilis (dois volumes)]; Bernhardinus Tomitanus. p. 66. Tomitanus acredita ter fornecido a prova em contrário no seguinte quadro patológico: “Era um jovem de 22 anos, de equilibrada constituição sanguínea...” Estudava com dedicação e castidade em Pádua. Os maus colegas fizeram com que fosse seduzido por uma “meretriz belíssima”. “No dia seguinte, o prepúcio começa a doer, mas ele não dá nenhuma importância. No outro dia, doeu ainda mais, enfim, observando bem nota uma certa erosão avermelhada em outra parte da glândula do pênis, e, daí, nasce um ponto de podridão. Passados 14 dias, um bubão aparece em seu fêmur”, onde o médico aplicou uma incisão para depois limpá-la. “Quando se passaram três meses, começou a sentir dores por todas as articulações e a perder os cabelos, e se tornou disforme, magro, lívido, incapaz de movimentos, triste, gemebundo e incapaz de todas as ações.” “Por conselho do médico, tomou um infusão de Guaiaco, até aproximadamente a metade da primavera, quando plenamente curado e tendo recebido alta, partiu.” “Digam os defensores de paradoxos – exige Tomitanus daqueles que duvidam dele – se por acaso esta doença, que surge desse motivo, esteja entre as afecções antigas ou se seja uma doença nova, até agora não relatada.” – Quando se lê esse relato com a esperança ingênua de que aqui esteja falando a “sagrada observação”, a “visão simples e decisiva”, o leitor logo se decepciona: o caso, pelo menos, não é um caso puro. De maneira alguma,

Mesmo no final do século XIX, havia pessoas que ainda duvidavam. Dr. Josef Hermann, “médico-chefe e diretor do departamento para sífilis no Hospital Imperial e Real Wieden em Viena”, durante um longo período (de 1858 a 1888), redigiu, por volta do ano de 1890, uma brochura que dizia: “Não existe sífilis constitucional.”¹² Na opinião de Hermann, sífilis é “uma doença simples e localizada, que nunca passa para o sangue da pessoa, que é perfeitamente curável, que nunca deixa sequelas permanentes e nunca se transmite por procriação e não é hereditária.” Ela se manifesta na forma do cancro ou da gonorreia, “assim como todas as sequelas imediatas dessas duas afecções primitivas”, sendo que todos os sintomas genéricos, esse “verdadeiro exército de formas patológicas, que intervêm tão profundamente na vida social das pessoas e até em gerações inteiras, não são sífilis em absoluto, mas exclusivamente produtos da cura com mercúrio e de outras discrasias.” Para Hermann, a sífilis ainda é a antiga epidemia venérea, mas sem os sintomas genéricos,

o período de incubação da sífilis é de 24 horas; no caso do cancro mole, isso é possível. Os bubões purulentos também fazem parte do cancro mole, mas nunca da sífilis. Os sintomas secundários descritos, porém, que aparecem depois de três meses, não fazem parte do cancro mole; podem indicar sífilis, mas também qualquer outra doença “não específica”. O *decoctum Guaiaci* [infusão de Guaiaco] – um remédio muito usado na medicina da época – apenas comprova de que o médico estava suspeitando de sífilis. O suposto efeito curativo, por sua vez, não comprova nada, pois dec. Guaiaci não é um remédio específico contra aquilo que hoje chamamos de sífilis. Todo o relato médico descreve um quadro vago e esquemático da epidemia venérea mítica (castidade, sedução, castigo nos órgãos genitais, doença generalizada, cura por meio de dec. Guaiaci). Seria impossível traduzi-lo na linguagem médica moderna, pois, para nós, não se trata de um “caso puro”. Sintomas semelhantes e a sequência semelhante de sua manifestação poderiam apontar para uma infecção mista de cancro mole e sífilis, ou de cancro mole e uma doença não venérea, independente após três meses. (Sobre isso, cf. nota p. 114).

¹² Hermann, Josef: “A sífilis constitucional não existe”. Hagen/Westphalen. Ele fez escola, suas ideias eram muito citadas. Era possível manifestar essa opinião mais ou menos 12 anos após a descoberta do agente da gonorreia por Neisser (1879) e dois anos após a descoberta do agente do cancro mole por Ducrey (1889). Hermann apoia sua teoria no fato de ter encontrado mercúrio nos excrementos de pacientes, que outros haviam identificado como sífilíticos constitucionais, da mesma maneira como tinha sido detectado em operários de fábricas de espelhos que sofriam de intoxicação por mercúrio, apresentando também sintomas genéricos diversos, em parte muito semelhantes. Hermann via nesse hidrargirose uma doença constitucional, hereditária e multifacetada. Ele tratava seus pacientes sem mercúrio e afirmava nunca ter visto recidivas, mas apenas infecções novas, eventualmente outras. As ideias de Hermann, portanto, não representam um simples engano, mas um sistema fechado de opiniões: a realização do postulado “De volta ao tempo pré-mercúrio!”

apenas como doença localizada. Uma doença sifilítica genérica teria que partir da existência da sífilis no sangue como “premissa máxima”. Entretanto, a “existência do sangue sifilítico é um teorema dogmático, sem que houvesse a mínima prova para tal.” Hermann explica ainda “que, mesmo no futuro, não se encontrará no sangue de sifilíticos qualquer sinal patognomônico da sífilis.”

Por um motivo, essa posição extrema é particularmente importante para a nossa exposição, mesmo que as opiniões de Hermann, comparadas ao nível da época, tenham um aspecto um tanto fossilizado: ela testemunha a força com que se associava a sífilis ao mercúrio e como a necessidade causada pela plurimorfismo dos sintomas da sífilis fez surgir o “grito pelo exame de sangue” enquanto meio para a elaboração precisa da entidade nosológica.¹³

Há, portanto, algo de indefinido, inacabado nesse conceito de sífilis. Os dois caminhos que levaram a ele se contradiziam, contradição esta que se tornava tanto mais nítida, quanto mais fraco se tornava o encanto pelo fundamento ético-místico no decorrer da mudança no estilo do pensamento e quanto novos detalhes surgiam sobre os fenômenos em questão.

Para a elaboração acabada do conceito, para sua existência objetiva e inabalável, para tomar forma como “fato real” indubitável, esse conceito era demasiadamente oscilante, pouco entrelaçado com o saber da época.

A não consideração de algumas áreas importantes corrompia principalmente a beleza intelectual da imagem: continuou intocada a delimitação das doenças venéreas com sintomas genéricos em relação àquelas sem sintomas genéricos ou com sintomas genéricos raros (gonorreia). Acrescenta-se, além disso, o problema da sífilis hereditária e das deficiências dos descendentes de pais luéticos; o enigma da sífilis latente e do ressurgimento da doença; a relação com algumas outras doenças como tabes e paralisia progressiva, lúpus, escrofulose etc., que já foi levantada diversas vezes. Já havia chegado a época do saber multifacetado e elaborado em seus detalhes e

¹³ Para Simon (por volta de 1850), “a chamada epidemia venérea moderna não é outra coisa a não ser uma variante específica da antiquíssima lepra que, no final do século XV, chegou a ganhar, sob circunstâncias peculiares, uma autonomia terrível.” (Simon, *Ricords Lehre von der Syphilis* [A Teoria de Ricord sobre a Sífilis]. Hamburg, 1851. p. 3.)

dos experimentos. A história registrou inúmeras experiências e observações sobre inoculações, reinoculações e condições imunológicas. Está equivocada, no entanto, quem acredita que as experiências, por mais claras que fossem pensadas, sempre deram o resultado “certo”. Eram importantes enquanto germes de um novo método, mas não tinham valor de provas.

Havia a polêmica entre os adeptos da identidade da gonorreia com a sífilis e com o cancro mole (*doutrina da identidade*) e os médicos que queriam decompor a “epidemia venérea” (*Lustseuche*) em várias entidades nosológicas. “Alguns médicos, nomeadamente André e Swediauer, tentavam comprovar a identidade da substância infecciosa das duas doenças a partir da mucosidade da gonorreia e do pus do cancro. Depois de algumas experiências, dizia-se que a substância tóxica da gonorreia era capaz de causar o cancro e vice-versa, que o último poderia causar a gonorreia. Muitos aderiram a essa opinião. Fritze considerava que ambos diferiam não genericamente, porém como espécies.”¹⁴ A diferença estaria no fato de que, em alguns organismos, o material patológico estaria “demasiadamente fraco para produzir o cancro, mas suficientemente forte para causar a gonorreia.” Hunter¹⁵ inoculou pus de gonorreia na pele dos órgãos genitais de uma pessoa saudável e obteve um abscesso seguido pela sífilis típica. Ele afirmava a identidade da gonorreia com a sífilis, mas distinguia entre o cancro mole e o duro ou endurecido, sendo que somente este último faria parte da sífilis (*doutrina da dualidade*). Disso surgiu a doutrina da pseudossífilis, isto é, de uma doença semelhante à sífilis, porém fundamentalmente diferente, não precedida pelo cancro duro.

Uma outra escola diferenciava a substância tóxica da gonorreia daquela da sífilis, mas considerava a gonorreia como estágio primário de uma doença constitucional generalizada, da “epidemia gonorreica” (influência da doutrina sobre a sífilis). *Os unitaristas* (Ricord),¹⁶ uma outra escola dessa época, separavam totalmente a gonorreia da sífilis. Defendiam, entretanto, a identidade entre cancro mole e duro e falavam numa disposição específica para doenças

¹⁴ Hergt, op. cit., p. 78. Os médicos mencionados viveram no século XVIII.

¹⁵ John Hunter, 1728-1793.

¹⁶ Philippe Ricord, 1800-1889.

sifilíticas, que seria necessária para que o estágio generalizado sucedesse ao cancro. E, finalmente, a *nova doutrina dualista*¹⁷ distingue tanto a gonorreia quanto o cancro mole da sífilis.

Tudo isso se refere apenas à distinção entre diversas doenças venéreas, mas está longe da problemática do conceito de sífilis como um todo, como, por exemplo, em sua relação com a tabe ou a paralisia progressiva. Esses problemas ficaram reservados à segunda metade do século XIX e ao século XX, à sua patogênese e ao desenvolvimento da etiologia.

Se considerarmos o ponto de vista puramente teórico do século XVIII, bem como da primeira metade do século XIX, podem ser feitas observações que se seguem.

O conceito de sífilis, que aqui nos interessa apenas como um dos conceitos da proposição sobre a relação entre a sífilis e a reação de Wassermann, define-se, por sua vez, por proposições que interligam um número *x* de outros conceitos. Analisando os diversos conceitos de sífilis que apresentamos – (1) o conceito da epidemia venérea (*Lustseuche*), (2) o conceito empírico-terapêutico (mercúrio) da sífilis, (3) os conceitos patológico-experimentais dos a) unitaristas, b) dualistas, c) adeptos da doutrina da identidade etc. – apenas em sua estrutura formal e independentemente dos seus vínculos histórico-culturais, parece que se trata apenas de uma discussão em torno de uma definição adequada. Todas essas posições se apoiam em observações e, eventualmente, em experimentos; nenhuma delas pode simplesmente ser declarada como falsa: pode-se definir a sífilis dessa ou da outra maneira, mas sempre predeterminando as consequências. É como se houvesse, portanto, uma certa liberdade nesse sentido, e como se somente em seguida, depois de se fazer uma escolha, resultassem acoplamentos inevitáveis. Essa opinião, como se sabe, é defendida pelo convencionalismo. Assim, teríamos toda liberdade de definir a sífilis como epidemia venérea por excelência, de modo que a gonorreia e o cancro mole etc. estariam naturalmente incluídos nessa definição e que se deveria renunciar a uma unidade terapêutica, talvez até mesmo a uma terapia racional em geral. Também se poderia construir uma definição partindo da utilidade do mercúrio, de modo que se chegasse a um conceito

¹⁷ Em duas modalidades: uma doutrina dualista francesa e outra alemã.

terapêutico muito prático para aquilo que hoje chamamos de estágio primário e secundário; o estágio terciário e as doenças metalúcticas, todavia, ficariam fora dessa relação. Os unitaristas etc. teriam que adotar uma convenção muito intrincada, mas aqui também haveria como construir uma descrição adaptada aos seus postulados.

Com base nessa posição formal, portanto, pode-se enxergar acoplamentos que dependem de uma escolha, ou seja, ligações livres, e aqueles que são resultado de uma relação obrigatória. Ora, quem reconhece a economia de pensamento,¹⁸ como a intenção que escolhe entre os acoplamentos livres e ativos, encontra-se no fundamento da doutrina de Mach.*

Em primeiro lugar, no entanto, todas essas posições formais não levam em consideração, ou o fazem em reduzida medida, o condicionamento cultural e histórico da suposta escolha epistemológica (*erkenntnistheoretischen*), da suposta convenção. O século XVI não tinha a liberdade de trocar o conceito místico-ético de sífilis por um científico patogênico. Existe um vínculo no estilo de todos – ou muitos – conceitos de uma época, vínculo que consiste em sua influência mútua. Por isso, pode-se falar num estilo de pensamento (*Denkstil*) que determina o estilo de todo conceito. A história ensina que pode haver lutas árduas pelas definições de conceitos. Isso mostra como as convenções igualmente possíveis não são enxergadas como equivalentes, independentemente de quaisquer razões utilitaristas.

Em segundo lugar, pode-se constatar lógicas históricas próprias no destino das ideias, isto é, fenômenos gerais peculiares da história do conhecimento que se impõem ao observador da evolução

¹⁸ Opiniões vistas de uma perspectiva *a posteriori* muitas vezes parecem ser econômicas, principalmente quando as pessoas se acostumavam a elas. Uma estrutura existente sempre é mais econômica que uma estrutura projetada, se, dentro de um determinado tempo, os investimentos não são amortizados mediante o lucro da estrutura nova, que, como tal, é mais econômica. Uma vez que as opiniões são de duração limitada, mudanças dispendiosas para reformulá-las quase sempre são antieconômicas. Tenho as minhas dúvidas de que a economia de pensamento em algum momento tenha sido um critério decisivo, a não ser em pequenos problemas insignificativos.

* De inspiração evolucionária, *Economia de pensamento* é uma doutrina do físico e filósofo austríaco Ernst Mach (1838-1916) segundo a qual na natureza tudo tem seu lugar. Com efeito, para Mach, a ciência deveria procurar fornecer uma descrição da natureza da forma mais econômica possível. (N.R.)

das ideias. Muitas teorias, por exemplo, passam por duas épocas: primeiro por uma clássica, na qual tudo mostra uma consistência notável, e depois por uma segunda, na qual surgem exceções. Ou então fica visível como algumas ideias aparecem muito antes de se conhecer suas razões e de uma maneira totalmente independente delas; e evidencia-se, ainda, como o encontro de certas ideias gera fenômenos particulares. E, finalmente, quanto mais um domínio do saber é sistematicamente elaborado e rico em detalhes e relações com outros domínios, tanto menores são as diferenças de opiniões.

Quando se leva em conta essas relações gerais da história cultural e as particulares da história do conhecimento, limita-se significativamente o convencionalismo. No lugar da escolha livre e racionalista, surgem condições específicas. Mesmo assim, encontram-se sempre no conteúdo do conhecimento outras relações que não se explicam psicologicamente (seja no plano individual, seja no coletivo), nem historicamente. Por isso, elas passam a impressão de serem relações “reais”, “objetivas” ou “efetivas”. Nós as denominamos de relações passivas, em oposição àquelas outras, que denominamos ativas. Assim, na nossa história da sífilis, a união de todas as doenças venéreas sob o conceito da “epidemia venérea” representava um *acoplamento ativo dos fenômenos*, que se explica pela história cultural. Ao contrário disso, a descrição do efeito do mercúrio na frase citada acima, “em alguns casos, o mercúrio não cura a doença venérea, mas chega a piorá-la”, representa, em relação ao ato do conhecimento, um *acoplamento passivo*. É claro, ainda, que esse acoplamento passivo *sozinho*, sem o conceito da epidemia venérea, nem poderia ter sido formulado, assim como o próprio conceito “epidemia venérea”, ao lado dos elementos ativos, também contém elementos passivos.

Além dessa doutrina dos acoplamentos ativos e passivos e suas inevitáveis interligações, torna-se evidente, a partir da história do desenvolvimento do conceito de sífilis até hoje, a importância reduzida de um único experimento em comparação com a experiência numa determinada área, constituída de experimentos, observações, habilidades e adaptações conceituais. Até mesmo um *experimentum crucis* [experimento crucial, experimento-chave] heroico, à maneira como Hunter o realizou, não prova nada, pois hoje o seu resultado pode e deve ser avaliado como coincidência ou erro. Hoje sabemos que uma experiência maior na área das inoculações conduziria Hunter a rever suas conclusões.

Entre o experimento e a experiência assim concebida há, porém, uma diferença muito importante: o experimento pode ser interpretado como uma pergunta e uma resposta simples, ao passo que a experiência deve ser entendida como um estado de educação que repousa na dialética entre o sujeito do conhecimento, o objeto já conhecido e o objeto a ser conhecido. O alcance de habilidades físicas e psíquicas, a coleta de uma certa quantidade de observações e experimentos, a capacidade de adaptações plásticas de conceitos representam, entretanto, uma série de circunstâncias que escapam a um controle lógico-formal, sendo que a mencionada dialética impossibilita, de vez, uma análise lógico-formal do processo de conhecimento.

Por isso, não pode existir nenhuma teoria especulativa do conhecimento, nem como dedução de alguns poucos exemplos: ainda há muita coisa a ser investigada e descoberta empiricamente no processo do conhecimento.

Voltando ao tema e ocupando-nos da evolução posterior do conceito de sífilis, temos que falar de duas outras ideias que completaram sua forma atual. Trata-se da ideia da sífilis enquanto entidade nosológica patogênica (no sentido mais amplo da palavra) e da ideia da entidade especificamente etiológica.

Ideias patogênicas sobre a sífilis, isto é, opiniões sobre o mecanismo das relações patológicas, já aparecem nos primeiros escritos sobre a doença. Tais escritos quase sempre defendiam a doutrina da discrasia, a da má mistura ou da mistura corrompida dos humores. Essa doutrina, que na verdade não passava de uma fórmula fantasiosa, pois dispunha apenas de dez opções de combinação para resolver a questão de todas as doenças, dominava toda a medicina. Descrever suas peripécias levaria longe demais. Há de se destacar um aspecto: da doutrina geral da mistura dos humores surgiu a ideia do sangue corrompido dos sífilíticos.

Essa *alteratio sanguinis* [alteração do sangue] era uma fórmula de explicação muito usada para todas as doenças genéricas,¹⁹ mas, na medida em que diminuía cada vez mais no caso das outras doenças, tornava-se cada vez mais complexa no caso da sífilis.

¹⁹ Podemos ler, por exemplo, em Thomae Sydenham: *Opera medica* [Obras Médicas]. Venetiis, 1735. p. 3: “Especialmente no que concerne a febres [...] denominações pelas quais são diagnosticadas procedem de uma notável alteração marcada no sangue”.

Podemos ler fórmulas como, por exemplo: “Por vezes, como os ossos, também as membranas e os nervos se nutrem de sangue melancólico (enegrecido pela bile), o qual, por ter-se infectado de uma qualidade ruim, não convenientemente se transmuda em substância de boa nutrição, daí acontece que superfluidades – muitas delas se multiplicam – aí presentes são causa das dores acima referidas.”²⁰ Essa é uma explicação pelas dores nos ossos em caso de sífilis. Ou: “Tal como no tempo de febres epidêmicas, uma qualidade má (um elemento nocivo), que reside oculto/a no ar, ataca o próprio coração, corrompendo a respiração (o aparelho respiratório) e o sangue.”²¹ Ou: “O sangue (nos caso de sífilis) de bom a mau se converte, contrariamente à sua condição natural.”²² Ou: “Aqui, de fato, abertamente, úlcera e crostas se percebem manifestas. A causa, sem dúvida, é o sangue exageradamente quente e espesso, infectado por uma substância venenosa.”²³ Ou: “Nem isso se constata muito ausente naqueles que sofrem de sífilis, quando, no início dessa doença, o sangue se apresenta corrompido pela infecção adquirida, longe ainda do menor sinal de podridão.”²⁴ Ou: “Sífilis é um mal que nasce de uma infecção completa da massa sanguínea.” (Cataneus).²⁵ Ou: “O sangue, afastando-se de seu estado natural, modifica-se” (Fallopia).²⁶

Ora, a sífilis é uma doença bastante pluriforme. Com frequência, lê-se em escritos antigos que seria um *morbis proteiformis* [doença pluriforme], sua natureza lembraria, por causa da diversidade de suas formas, Proteu ou um camaleão.²⁷ Bloch escreve que havia poucas doenças e poucos sintomas que não fossem relacionados à sífilis.²⁸ Procurava-se, portanto, aquilo que havia de comum, de específico no sangue corrompido.

“As tentativas de possibilitar um diagnóstico da sífilis a partir do sangue remontam à época em que o conhecimento da patologia

²⁰ Bartol. *Montagnanae iunioris de morbo Gallico consilium*. p. 3.

²¹ Ibid.

²² Bern. Tomitani: *De morbo Gallico*, libri duo. p. 74.

²³ Ibid. p. 88.

²⁴ Ibid. p. 113.

²⁵ Apud Geigel: *Geschichte, Pathologie und Therapie der Syphilis*. Würzburg, 1867. p. 12.

²⁶ Apud Geigel, p. 39.

²⁷ Ibid.

²⁸ Bloch, op. cit., p. 98.

dessa doença tomou formas mais bem definidas e em que o enorme polimorfismo do quadro clínico se tornou cada vez mais nítido.”²⁹

“A primeira teoria considerava o material infeccioso como um líquido altamente corrosivo que, misturado ao sangue, gera a forma autônoma.”³⁰ “Mais tarde, quando se difundiu cada vez mais a opinião de que a epidemia sífilítica decorre do sangue alterado e outros líquidos”,³¹ a erupção cutânea era vista como uma tentativa da natureza, “que procuraria uma saída para afastar a substância patológica”³² através da pele. “Sífilis são pústulas geradas de variada degradação de humores.” (Leoniceus).³³ A cura era vista como uma purificação ou um adocicamento do sangue. “Os membros repelem o sangue infectado, destinado como alimento, quando esse lhes chega para nutrir, e é naturalmente expelido tanto para a pele, quanto para o emunctório do corpo todo. Daí, principalmente, decorre o mal, ou seja, a deterioração da pele e é daí que surgem as pústulas de Saphato, as asperezas da pele e as deformidades, que enfeiam” (Cataneus).³⁴

Por volta de 1867, Geigel escreve: “O fato de o sangue, enquanto reservatório geral da alimentação, ser suscetível a determinadas alterações materiais no decorrer da sífilis, pode ser deduzido, com razão, das anomalias da nutrição, que somente assim se explicam, da mesma maneira que essas alterações não são as mesmas durante todas as fases da sífilis.”³⁵

Em 1894, Reich, depois de enumerar todos os sintomas possíveis e impossíveis da sífilis, afirma:³⁶ “Tudo isso deve ser necessariamente associado à química alterada do sangue.”; “O sangue dos

²⁹ Bruck, *Die Serodiagnose der Syphilis* [O Sorodiagnóstico da Sífilis]. 1924. p. 1.

³⁰ Wendt, *Die Lustseuche*. 1827. p. 9.

³¹ Bierkowski, *Choroby syfilityczne*. 1833. p. 36.

³² Hergt, *Geschichte, Erkenntnis und Heilung der Lustseuche* [História, Descoberta e Cura da Epidemia Venérea], 1826. p. 58.

³³ Apud Geigel, op. cit., p. 7.

³⁴ Apud Geigel, op. cit., p. 19.

³⁵ Geigel, p. 223. Aqui se encontra também uma tentativa mais extensa de analisar as alterações do sangue.

³⁶ Reich, *Über den Einfluß der Syphilis auf das Familienleben* [Sobre a Influência da Sífilis na Vida Familiar]. Amsterdam, por volta de 1894. Segundo Reich, fazem parte da sífilis também a cárie de cada osso, abscessos do psóas e da região lombar, tísica de qualquer espécie e idade, quaisquer problemas tuberculosos, raquitismo, nervos doentes, almas doentes, constituição frágil etc.

sifilíticos difere inegavelmente daquele dos saudáveis, como ficou comprovado indiretamente através dos diversos sintomas e como foi exposto também por E.J. Gauthier, que constatou um teor menor de água e de sal de cozinha. Nessa época, portanto, concretizou-se a ideia do sangue sifilítico.

Hermann, que já conhecemos pela sua posição antissocial e cujas lutas homéricas contra o “dogma do sangue sifilítico” já comentamos, descreve algumas tentativas contemporâneas de comprovar a alteração sifilítica do sangue. Havia, portanto, experimentos em que se transmitiu sífilis com o sangue.³⁷ “Além disso, alega-se, como argumento em favor do sangue sifilítico, o fato de a sífilis ser transmissível na vacina da varíola bovina.”³⁸ Hermann ainda relata como, numa reunião da Sociedade Médica em Viena, no dia 12/1/1872, “um jovem filho de Esculápio (Dr. Losterfer) disse que todos os exames de sangue feitos até então não deram nenhum resultado palpável devido a métodos equivocados e declarou-se descobridor, ou melhor, inventor dos glóbulos sifilíticos, que existiriam somente no sangue de sifilíticos e cuja ocorrência no sangue permitiria o diagnóstico exato da sífilis constitucional em todos os sentidos.” Já depois de alguns dias, ficou comprovado o equívoco desse método, porque esses glóbulos sifilíticos “não seriam de maneira alguma uma característica da sífilis”. Soubemos ainda que já existia uma “pesquisa com o sangue de sifilíticos mediante todos os recursos químicos e microscópicos.”³⁹

Sobre isso, há relatos mais precisos em Bruck:⁴⁰ “Os inúmeros exames biológico-químicos mais antigos do sangue de sifilíticos também não haviam levado a resultados com valor diagnóstico. A variação no número dos glóbulos do teor de hemoglobina e de ferro não servia para o diagnóstico, conforme as pesquisas de Neumann-Konried, Reiss, Stonkovenoff-Selineff, Liegeois, Malassez,

³⁷ “Dizem que o experimento de Waller... teve sucesso no ano 1850.” Hermann: “Há etc. (...) p. 24. Dizem! Quer dizer o autor duvida por ser incompatível com as suas teorias. Além de Waller, há ainda vários outros experimentos: Pfälzer Anonymus, Lindwurm, Pellizari e outros.

³⁸ Op. cit., p. 26. Hermann vê aqui apenas uma transmissão com as secreções sifilíticas da pele, não com o sangue.

³⁹ Hermann, op. cit., p. 32.

⁴⁰ Bruck, *Die Serodiagnose der Syphilis* [O Sorodiagnóstico da Sífilis].

Rille, Oppenheim e Löwenbach. A diminuição da resistência dos eritrócitos no caso de lues, afirmada por Monnod, Verrati, Serrentino e especialmente por Justus, que se manifestaria através de uma queda do teor de hemoglobina após a primeira injeção de mercúrio, não pôde ser confirmada por Nagelschmidt. Da mesma maneira, as pesquisas sobre um aumento do teor de proteína do sangue de sifilíticos (Ricord, Grossi e outros) e aquelas sobre alterações nas reações, definições do ponto de congelamento etc. não cumpriram seu objetivo. Mas também os trabalhos de Detre e Sellei sobre a aglutinabilidade de lues e sangue normal, trabalhos já inspirados pela moderna doutrina imunológica, assim como aqueles de Nagelschmidt sobre os efeitos de aglutinação, de hemólise e precipitação do soro luético não levaram a um sucesso prático.”

Com uma insistência surpreendente, testavam-se, como em nenhum outro caso, todos os métodos possíveis para comprovar e realizar a velha ideia do sangue sifilítico – até se chegar ao sucesso da chamada reação de Wassermann. Essa descoberta deu então início a algumas linhas de pesquisa muito importantes; podemos dizer, sem muito exagero, que ela se revelou como decisiva.

Primeiro porque a sífilis passou a ser mais bem delimitada, principalmente no âmbito do estágio secundário e terciário, mas especialmente no âmbito das chamadas doenças metaluéticas, isto é, *tabes dorsalis* e *paralysis progressiva* (paralisia progressiva). Além disso, ficou esclarecida a questão da *lues hereditária* e da *lues latens*. Acabaram ainda as relações fantasiosas com diversas outras doenças, como tísica, raquitismo, lúpus etc., sendo que pesquisas em outras áreas contribuíram para tal.

Surgiu, ademais, uma disciplina nova que se desenvolveu com a reação de Wassermann: a sorologia enquanto ciência autônoma. A ligação genética da sorologia com a reação de Wassermann continua viva no jargão médico: a reação de Wassermann muitas vezes é chamada a “prova sorológica”.

Ao mesmo tempo, a ideia etiológica das pesquisas sobre sífilis surtiu efeito, sendo responsável, por sua vez, pela delimitação da doença no estágio primário. Portanto, completou-se a delimitação atual (!) da sífilis.

É difícil, quando não impossível, descrever corretamente a história de um domínio do saber. Ele consiste em numerosas linhas de desenvolvimento das ideias que se cruzam e se influenciam

mutuamente e que, primeiro, teriam que ser apresentadas como linhas contínuas e, segundo, em suas respectivas conexões. Em terceiro lugar, teríamos que desenhar ao mesmo tempo e separadamente o vetor principal do desenvolvimento, que é uma linha média idealizada. É como se quiséssemos reproduzir por escrito uma conversa agitada em sua sequência natural, onde várias pessoas falam desordenadamente ao mesmo tempo, sendo que, apesar disso, cristaliza-se uma ideia comum. Temos que interromper constantemente a continuidade temporal da linha descrita das ideias para introduzir outras linhas; temos que deter o desenvolvimento, para isolar as interligações; e, ainda, temos que deixar muita coisa de lado para obter as linhas principais. Um esquema mais ou menos artificial entra então no lugar da apresentação da vivacidade de efeitos mútuos.

Eu teria que fazer muitos rodeios se quisesse demonstrar a cristalização da ideia do agente patológico a partir da ideia do espírito místico-simbólico e do verme da doença, passando pela ideia do material tóxico da doença e pelo conceito do *contagium vivum* até chegar ao conceito moderno da bactéria. Eu teria que mostrar como a noção de agente entrou em contato com a ideia da sífilis, como se afastou dela por um tempo, voltando de novo em uma nova forma (*Gestalt*) e ficando definitivamente atrelado a ela.

Uma descrição exata dessas condições, no entanto, torna-se desnecessária apenas pelo fato de serem semelhantes às condições já descritas da ideia do sangue sífilítico, não oferecendo algo novo à teoria do conhecimento. Uma diferença merece atenção: já antes de se comprovar a existência de agentes específicos havia provas indiretas, uma vez que a natureza contagiosa da doença se revelava tanto na observação da doença quanto nos experimentos. Encontravam-se analogias com outras áreas da patologia, nas quais a noção de agente já havia surtido efeitos positivos naquela época tão entusiasmada com as bactérias. O agente da sífilis deve sua descoberta, em primeiro lugar, aos conhecimentos sobre bactérias de outras áreas. De maneira inversa, a reação de Wassermann surgiu da doutrina da sífilis, sendo elaborada, posteriormente, como uma ciência particular.

A descoberta da *spirochaeta pallida* é o resultado de um pacato e lógico trabalho burocrático. Após várias tentativas malsucedidas de outros pesquisadores para encontrar o agente da sífilis, “J. Siegel, nos anos 1904 e 1905, havia descrito formações em diversas doenças infecciosas – varíola, febra aftosa, escarlatina e sífilis –,

que interpretava como sendo os agentes ainda desconhecidos dessas doenças e que acreditava ter que entender como protozoários. Diante da importância que teria que ser atribuída aos resultados de Siegel no caso de sua confirmação [...] o então diretor da secretaria de saúde, o presidente Dr. Koehler, considerou oportuno encontrar um fundamento para sua avaliação com base em testes próprios a serem realizadas na secretaria.”⁴¹ – “Após uma reunião, ocorrida no dia 15/2/1905 sob a direção do presidente Dr. Koehler, o membro da secretaria, o conselheiro Dr. Schaudinn, por ordem do primeiro e em companhia do então assistente comissariado Dr. Neufeld, procurou o diretor da clínica universitária real para doenças dermatológicas e venéreas, Prof. Dr. Lesser, para, por incumbência do senhor presidente, fazer a consulta se o Prof. Lesser estaria inclinado a apoiar a secretaria nas pesquisas sobre o agente da sífilis fornecendo o material necessário. O Prof. Lesser declarou sua disposição, sugerindo que seu primeiro assistente, o médico militar Dr. Hoffmann, participasse dos trabalhos.” Já no dia 3/3/1905, Schaudinn, analisando no líquido fresco do tecido de uma pápula sífilítica, conseguiu “comprovar a ocorrência de espiroquetas muito tênues e de grande mobilidade, bem visíveis apenas com os melhores recursos óticos”, os quais distinguiu das formas mais grosseiras, “como ocorrem, não raramente, na mucosa da boca e dos genitais”, chamando-os de *spir. pallida*. Logo passaram a fazer experimentos de transmissão do material espiroquetáceo com macacos, que mostraram um resultado positivo. Mesmo assim e apesar de “mais que 100 autores, nos mais variados produtos da sífilis,” terem encontrado *spirochaeta pallida*, a secretaria de saúde, que foi o verdadeiro descobridor, manteve-se muito reservada: “Num relatório da secretaria de saúde ao secretário do ministério público de 12/8/1905, esboçado por Provazek e revisado e assinado por Schaudinn na qualidade de correlator, [...] expõe-se de que a conclusão de enxergar na *spiroch. pallida* o agente da sífilis não é sem justificativa.” É dessa maneira tão cautelosa, tão sóbria, tão obediente que o colégio dos servidores públicos trabalhou e julgou, ao qual deve ser atribuído o título de descobridor do agente da sífilis. Dessa mesma maneira tão cautelosa, tão sóbria, tão obediente, os descendentes espirituais daqueles o apresentam até hoje.

⁴¹ Schuberg e Schloßberger, *Klinische Wochenschrift* [Semanário Clínico], 1930. p. 582.

Mediante culturas puras da *spiroch. pallida* e experimentos de vacinação em coelhos e macacos, colocou-se mais tarde a última pedra para o edifício da ideia do agente patológico.

Assim, chegou-se ao novo conceito de sífilis. Os agentes da gonorreia e do cancro mole, descobertos anteriormente, foram descartados, por sua vez, do quadro da sífilis. Junto com a reação de Wassermann, a *spiroch. pallida* ajudou a associar a *tabes dorsalis** e a *paralysis progressiva* [paralisia progressiva] definitivamente à sífilis. Como esses espiroquetas foram encontrados logo após a infecção nos vasos linfáticos, passou-se a não considerar mais o primeiro estágio da sífilis como doença local.

A cronologia posterior das quatro linhas de pensamento, que hoje se conectaram para formar o conceito atual de sífilis, forma-se da seguinte maneira: a doença venérea, a *Lustseuche* como tal, acabou transformando-se em conceito universal. A ligação com o coito foi traduzida do místico-ético para o mecânico. Recentemente, foi descartada uma nova entidade nosológica, isto é, passou por uma delimitação mais clara: o linfogranuloma inguinal/venéreo. Aqui, a chamada prova cutânea de Frei, cujos antecedentes devem ser localizados na doutrina da tuberculose, desempenha o papel da reação de Wassermann. Outras pesquisas sobre o agente estão sendo feitas. É muito provável que várias outras entidades nosológicas venéreas serão descobertas, pois estamos falando ainda de uma chamada ulceração não específica dos genitais e, em muitos casos individuais, enfrentam-se grandes dificuldades diagnósticas. Recorre-se ainda a diagnósticos duvidosos como o pseudocancro mole ou o pseudosifiloma. Algumas doenças tropicais reclamam para si a transmissibilidade venérea. Da doutrina do mercúrio surgiu uma teoria quimioterápica geral, que gera frutos maravilhosos como o Salvarsan e outros remédios. Aplicada a muitas outras áreas, entretanto, ela ainda apresenta os melhores resultados no caso de sífilis e outras doenças baseadas em protozoários.

Voltaremos mais tarde à ideia do sangue sífilítico.

Quanto à noção de agente, há ainda alguns fatos muito importantes a acrescentar. Vários fenômenos da doença são associados à biologia das *spirochaeta pallida*: suspeita-se, particularmente, de vírus

neurotrópicos e dermatrópicos como variantes da *spirochaeta pallida*, que estariam em relação com o desenvolvimento clínico da doença.⁴² Procura-se explicar os estágios da lues, ou seja, as recaídas, como manifestações de uma forma de mudança de geração do agente. Todavia, outros fenômenos importantes do âmbito da patogênese e da epidemiologia, assim como da bacteriologia enquanto ciência autônoma, hoje já apresentam uma certa divergência entre o desenvolvimento do conceito de doença e o do micro-organismo.

Faz parte disso, em primeiro lugar, a “infecção inaparente” (Nicolle), que acontece sem sinais clínicos da doença, e à qual, no caso de outras doenças, como por exemplo do tifo, atribui-se uma grande importância. Além disso, o fenômeno provavelmente se associa à transmissão do bacilo, que, totalmente inofensivo, é muito mais difundido no caso de algumas bactérias do que a própria doença (como, por exemplo, para bacilos de difteria ou meningococos).

A ocorrência de um micro-organismo não significa, portanto, estar com uma doença, de modo que a noção de agente perde o monopólio que tinha durante o período clássico da bacteriologia. Por isso, teorias mais antigas, como as de Pettenkofër, passaram por um renascimento. Hoje em dia, podemos afirmar tranquilamente que o “agente” é apenas um sintoma entre vários outros que condicionam uma doença, sendo que nem se trata do mais importante; podemos afirmar que sua presença não é suficiente e que o agente, devido à ubiquidade de muitos micróbios, aparece naturalmente, enquanto há outros elementos condicionadores.

Acrescentam-se a isso algumas preocupações da bacteriologia teórica. A biologia da *spiroch. pallida* mostra um parentesco próximo ou semelhança com *spiroch. cuniculi*, *spiroch. pallidula*, *spiroch. dentium* e outras. A distinção só é possível com base em experimentos com animais.⁴³ Na verdade, *spirochaeta pallida* somente estaria definida, portanto, através da sífilis, e não vice-versa, a sífilis pela *spiroch. pallida*. No caso dos espiroquetas, uma delimitação botânica da espécie é tão pouco possível quanto na maioria das bactérias. Quando as espécies podem ser definidas, muitas vezes não há

⁴² O vírus neurotrópico de Levaditi, evidentemente, é considerado por muitos como *spiroch. cuniculi*.

⁴³ Nem em todos os casos, devido a frequentes falhas na cultura e na vacinação.

* Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabes_dorsalis. (N.T.)

convergência entre a patologia e a bacteriologia, como mostra o exemplo dos vibriões.⁴⁴

Há ainda a variação extrema das bactérias, que, em algumas famílias, é tão expressiva (os bacilos do grupo da difteria pseudodifteria, por exemplo), que não se pode falar, por enquanto, em delimitações da espécie.

Oscilações incalculáveis da virulência, ou seja, transformação dos saprófitos em parasitas e vice-versa, destroem definitivamente a relação entre bactéria e doença, relação esta que antigamente parecia ser tão simples. Parece que, recentemente, Uhlenhuth e Zülzer conseguiram, através de passagens por porquinhos da Índia, transformar os espiroquetas inofensivos em virulentos.

Não se trata, portanto, de afirmar que, em termos de uma teoria do conhecimento, a sífilis estaria definida apenas pela *spiroch. pallida*. A noção de agente da sífilis leva à incerteza do conceito bacteriológico de espécie e participará do seu destino.

Em consequência disso, o desenvolvimento do conceito da sífilis enquanto doença específica não é concluído, nem o pode ser, pois esse conceito participa de todas as descobertas e inovações da patologia, da microbiologia e da epidemiologia.⁴⁵ Seu caráter passou por transformações a partir do místico, passando pelo empírico e o patogênico geral, para terminar no predominantemente etiológico, sendo que esse processo não se caracterizava apenas por um grande enriquecimento em detalhes, mas também pela perda de muitos elementos da doutrina antiga. Assim, aprendemos e ensinamos muito pouco ou nada atualmente sobre a dependência da sífilis em relação ao clima, às estações e à constituição geral dos pacientes, enquanto, nos textos antigos, podemos encontrar muitas observações a esse respeito. Com as transformações do conceito de sífilis, porém, surgiram também novos problemas e novos domínios do saber, de modo que, na verdade, nada está encerrado.

⁴⁴ Segundo Ermoljewa, vibriões inofensivos da água não podem ser distinguidos com segurança dos vibriões da cólera. Cf. Lehmann e Neumann, *Diagnóstico bacteriológico*, p. 540: "Ao se descobrir o vibrião da cólera, suas propriedades pareciam ser tão significativas que a distinção de outras bactérias era vista como fácil. Desde então foram detectados, inicialmente, poucos, depois cada vez mais e finalmente séries de vibriões tão indetermináveis nas proximidades do ser humano de modo que, há muito tempo, já não são mais designados por nomes específicos."

⁴⁵ Assim, por exemplo, a relação da sífilis com a framboesia/bouba [*Frambösia tropica*] e com o chamado espiroqueta do coelho ainda é objeto de polêmicas.

2

Consequências para a teoria do conhecimento da história apresentada de um conceito

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O SIGNIFICADO DA HISTÓRIA DO SABER

O conceito científico enquanto resultado do desenvolvimento da história do pensamento

A história da gênese de um conceito científico poderia ser indiferente para aquele teórico do conhecimento que acredita, por exemplo, que os erros de um Robert Mayer não teriam nenhum significado para o valor do teorema da conservação da energia.

Hão de se fazer as seguintes objeções: em primeiro lugar, é provável que não existam erros completos nem tampouco verdades completas. Mais cedo ou mais tarde será necessário reformular o teorema da conservação da energia – e então talvez tenhamos que retomar um “erro” abandonado.

Em segundo lugar, querendo ou não, não conseguimos deixar para trás o passado – com todos os seus erros. Ele continua vivo nos conceitos herdados, nas abordagens de problemas, nas doutrinas das escolas, na vida cotidiana, na linguagem e nas instituições. Não existe geração espontânea (*Generatio spontanea*) dos conceitos; eles são, por assim dizer, determinados pelos seus ancestrais. O

passado é muito mais perigoso, isto é, só é perigoso quando os vínculos com ele permanecem inconscientes e desconhecidos.

A biologia me ensinou a examinar uma área submetida à evolução sempre em sua história evolutiva. Quem, hoje em dia, é capaz de fazer anatomia sem embriologia? Da mesma maneira, qualquer teoria do conhecimento sem estudos históricos ou comparados permaneceria um jogo de palavras vazio, uma epistemologia imaginária (*Epistemologia imaginabilis*).

É uma ilusão acreditar que a história do conhecimento tenha tão pouco a ver com o conteúdo da ciência quanto, digamos, a história do telefone com o conteúdo das conversas telefônicas: pelo menos três quartos, talvez a totalidade, do conteúdo das ciências são condicionados e podem ser explicados pela história do pensamento, pela psicologia e pela sociologia do pensamento.

No que diz respeito especificamente ao nosso estudo, afirmo que não se chega a um conceito de sífilis sem uma abordagem histórica. Já foi exposto que a *spirochaeta pallida*, por si só, não define a sífilis como doença; não se pode formular o conceito de sífilis como “a doença causada pela *spiroch. pallida*”, mas, inversamente, a *spiroch. pallida* deve ser apontada como “o micro-organismo relacionado com a sífilis”. Uma outra definição desse micróbio não faz sentido; além disso, a doença não poderia ser definida assim de maneira clara (fenômeno do transmissor de bacilo!).

Outro equívoco consiste em achar que a sífilis pudesse ser definida pela sua fenomenologia, uma definição não baseada em conceitos, porém na demonstração da maneira como animais e plantas são definidos por meio da exposição demonstrativa. É equivocado, no entanto, acreditar que se chega, de maneira simples e segura, ao conceito da entidade nosológica da “sífilis” com os recursos de hoje, mediante observações e experimentos, por mais retorcido e complicado que tenha sido o caminho histórico.

Essa suposição não deve ser admitida nem sequer como experiência de pensamento (*Denkexperiment*): visto que esses recursos atuais de investigação são justamente resultado do desenvolvimento histórico; são esses recursos e não outros justamente por causa dessa história prévia. Também o conceito atual da entidade nosológica, por exemplo, é resultado de um desenvolvimento e não a única possibilidade lógica. Pode-se não apenas introduzir divisões

totalmente diferentes das doenças, como mostra a história, mas até mesmo abrir mão do conceito da entidade nosológica. Nesse caso, falaríamos apenas de diversos sintomas e estados patológicos, de diversos pacientes e de coincidências. Essa posição não é, de modo algum, impraticável, uma vez que as diferentes formas e estágios, assim como os diferentes pacientes e constituições devem ser tratados de maneira diferenciada. Como se pode ver, a formação do conceito “entidade nosológica” tanto faz parte de um trabalho sintético quanto analítico, sendo que o conceito usado atualmente não é a única solução lógica ou objetiva.

De maneira alguma podemos falar, nesse contexto, de algo simplesmente dado. Partindo de uma experiência de vários anos no setor venéreo do hospital de uma grande cidade, cheguei à convicção de que, mesmo um pesquisador moderno, munido de todo equipamento intelectual e material, nunca chegaria a distinguir todos esses quadros clínicos e sequelas de uma doença da totalidade das ocorrências e a separá-los das complicações e a reuni-los em uma entidade. Somente a comunidade organizada de pesquisadores, apoiada no saber popular e trabalhando durante algumas gerações, consegue alcançar esse objetivo, mesmo porque a evolução dos fenômenos patológicos requer décadas.

Nesse caso, contudo, os conhecimentos prévios, os recursos técnicos e a forma de colaboração conduziram os pesquisadores sempre ao velho caminho do desenvolvimento histórico do conhecimento. Portanto, não se pode, de modo algum, dissolver os vínculos históricos.

Se alguém objetar que a teoria do conhecimento não visaria à descoberta dos vínculos históricos, mas à sua legitimação científica, a provas objetivas e a construções lógicas, teríamos que responder que essa legitimação é certamente muito importante e, até os limites habituais e com a exatidão habitual, ela também procede no nosso caso. Do contrário, os conhecimentos sobre a sífilis não seriam um componente da ciência. Mas eu não concordaria com a opinião de que a tarefa única e mais importante da teoria do conhecimento consistiria nessa verificação da capacidade dos conceitos e de seus acoplamentos (*Koppelungen*) de se enquadrarem num sistema.

Em todos os tempos, o saber era, na opinião de todos os envolvidos, sistematizável, comprovado e evidente. Todos os sistemas

alheios eram para eles contraditórios, não comprovados, não aplicáveis, fantásticos ou místicos. Não seria hora de tomar uma postura menos egocêntrica e mais universal e de falar de uma teoria comparada do conhecimento? Um princípio de pensamento que permite a percepção de um número maior de detalhes e de acoplamentos compulsórios merece ser priorizado, como mostra a história das ciências exatas. Acredito que os princípios aqui utilizados tornam uma série de relações negligenciadas visíveis e dignas de serem estudadas.

O conceito de sífilis deve ser investigado como o resultado do desenvolvimento e da coincidência de algumas linhas coletivas de pensamento, da mesma maneira que se investiga um acontecimento da história do pensamento.

Visto que não se poderá legitimar a “existência” da sífilis de outra maneira a não ser pela sua história, cabe utilizar, para evitar qualquer misticismo inútil e obsoleto, a designação “existência” apenas como recurso técnico do pensamento, como um atalho cômodo.¹ Contentar-se com a constatação genérica, no entanto, de que o conceito de sífilis seria inatingível, sem analisar o contexto histórico específico, seria um erro grosseiro. Deve-se ainda investigar as leis desse contexto e detectar o impacto das forças sociais no pensamento.

▪ 2. SOBRE AS PROTOIDEIAS ENQUANTO DIRETRIZES DO DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO ▪

Muitos fatos científicos e altamente confiáveis se associam, por meio de ligações evolutivas incontestáveis, a protoideias (pré-ideias) pré-científicas afins, mais ou menos vagas, sem que essas ligações pudessem ser legitimadas pelos conteúdos.

¹ À primeira vista, essa afirmação parece se referir, na melhor das hipóteses, a conceitos abstratos. Na realidade, não existem doenças, mas apenas pessoas doentes. A sífilis enquanto doença, enquanto estado de pessoas doentes, não é um conceito concreto. A minha resposta é: não há como diferenciar, com exatidão, o concreto do abstrato. Toda essa divisão repousa num modo altamente primitivo de pensar. Mesmo assim, analisaremos mais tarde o supostamente mais concreto, as chamadas vivências imediatas, com vistas a essa distinção.

Como já exposto, existia uma ideia vaga da alteração sífilítica do sangue séculos antes de ser comprovada cientificamente. Ela surgiu de uma mistura caótica de ideias, desenvolveu-se durante muitas épocas, tornou-se cada vez mais rica em conteúdo, mais precisa, e procurou suas provas nas mais diversas abordagens. Aos poucos, surgiu um dogma do sangue sífilítico cada vez mais sólido. Vários pesquisadores se renderam à sugestão da opinião pública e afirmavam ter encontrado provas que, na verdade, não tinham fundamento (Gauthier!). Como em nenhum outro caso, utilizou-se de todo o arsenal disponível na época até se alcançar o objetivo da incorporação da ideia do sangue sífilítico na reação de Wassermann e em reações posteriormente simplificadas. Além disso, a protoideia continua viva no povo, que insiste em falar do sangue impuro dos sífilíticos.

A partir desse ponto de vista, a reação de Wassermann, em sua relação com a sífilis, é a expressão científica moderna e uma pré-ideia existente há séculos que contribuiu para a construção do conceito de sífilis.

Pré-ideias também se encontram em outras áreas do conhecimento. A antiguidade grega forneceu a pré-ideia à teoria moderna dos átomos, ensinada principalmente por Demócrito em sua atomística primitiva. Os historiadores das ciências exatas, como, por exemplo, Paul Kirchberger² ou Fr. Al. Lange, concordam em “que a moderna doutrina dos átomos surgiu a partir da atomística de Demócrito através de transformações em etapas.”³ Permanentemente verifica-se, com perplexidade, quantos motivos da moderna teoria dos átomos são pré-formados nas teses dos atomistas antigos: o significado da ligação e separação dos átomos; seus movimentos mútuos de queda e seus resultados; os efeitos de pressão e impulsão etc.

Da mesma forma, outras doutrinas, como a ideia dos elementos e da composição química, o teorema da conservação da matéria, o teorema da forma esférica da terra e do sistema heliocêntrico, desenvolveram-se historicamente de pré-ideias mais ou menos confusas,

² Kirchberger, P. *Die Entwicklung der Atomtheorie* [O Desenvolvimento da Teoria dos Átomos]. 1922.

³ Lange, F.A. *Geschichte des Materialismus* [História do Materialismo]. [Leipzig:] Reclam, p. 37.

que existiam muito antes de sua comprovação científica e que obtiveram, nas diversas épocas, fundamentações diversas, até encontrar sua expressão moderna.

Muito tempo antes da teoria moderna da infecção e antes da invenção do microscópio, alguns autores falavam, com bastante clareza, sobre agentes minúsculos, invisíveis e vivos das doenças. Uma frase encontrada em Marc. Terent. Varro, “Animais diminutos, que não podem ser apreendidos pelos olhos, também pelo ar chegam ao interior do corpo, seja pela boca ou pelas narinas, e produzem complicadas doenças”, parece ter sido retirada de uma edição popular da doutrina da transmissão aérea de Flügge.

Não estou afirmando que se possa encontrar, sem meticulosidade exagerada, uma protoideia para cada descoberta científica. Em vão a procuraríamos para um fenômeno como o da isomeria ou da divisão das bactérias segundo Gram. Além disso, nem toda ideia antiga que apresenta semelhanças com uma descoberta posterior possui com ela uma relação histórica. Provavelmente não há nenhuma ligação entre o teste de gravidez de *Zondek-Aschheim* e a ideia medieval de se constatar a virgindade ou a gravidez pela urina. Ocorria, ainda, que as ideias, apesar de buscas intensas, permaneciam sem provas científicas e acabavam sendo abandonadas. Assim, procurava-se, durante muitos séculos, o “absoluto”, sendo que hoje nem se encontram mais palavras para nomeá-lo de maneira clara.

Será que a teoria do conhecimento pode permanecer indiferente diante do fato de que muitas concepções científicas se desenvolveram, com certa perseverança, de protoideias, que, em sua época, não se sustentavam com provas válidas? O posicionamento e a análise são necessários, mas certamente não num sentido que lembra a hipótese da *lusus naturae** dos primeiros passos da paleontologia. As protoideias devem ser consideradas como pré-disposições histórico-evolutivas (*entwicklungsgeschichtliche Anlagen*) de teorias modernas e sua gênese deve ser fundamentada na sociologia do pensamento (*denksozial*).

A objeção de que, na história, ocorreria um grande número de ideias mais ou menos confusas, das quais a ciência simplesmente

* “Capricho da natureza”. (N.T.)

adotaria as “corretas” e descartaria as “incorretas”, é insustentável. Se assim fosse, seria inexplicável por que tantas imagens “corretas” de objetos desconhecidos são possíveis. De um modo geral, a afirmação, implicitamente contida naquela opinião de que se pudesse aplicar às ideias antigas e confusas as categorias da verdade e da inverdade, é equivocada. A ideia do “sangue sífilítico corrompido” – “sangue corrompido ou melancólico, exageradamente quente e espesso” – estava correta? “Corrompido” não é uma designação científica e exata; não podemos decidir se essa designação procede para a sífilis ou não, pois é confusa e ambígua. Enquanto ponto de partida da evolução de um conceito, mostrou sua utilidade, mas, hoje em dia, ela não é um conceito capaz de se enquadrar num sistema. Tampouco estamos em condições de verificar se a mais acertada das designações antigas, *alteratio sanguinis*, está correta, pois *alteratio* é uma qualidade demasiadamente indeterminada: a cada estado, a cada doença corresponde, em algum sentido, uma *alteratio sanguinis*. Além disso, sabe-se que “sífilis” significa atualmente algo bem diferente do que significava antigamente. O valor dessa pré-ideia não reside em seu conteúdo lógico e “objetivo”, mas unicamente em seu significado heurístico enquanto potencial a ser desenvolvido. E o desenvolvimento gradativo de um fato dessa protoideia confusa, nem correta, nem incorreta, está acima de qualquer dúvida.

No que diz respeito a outras protoideias, como, por exemplo, a protoideia grega do átomo ou a dos elementos, mais uma vez não estamos em condições de decidir se, destacadas de seu contexto histórico, seriam corretas ou falsas, pois correspondem a outro coletivo e a outro estilo de pensamento (*Denkstil*). Para o pensamento científico de hoje são inadequadas; para seus criadores certamente eram corretas.

O julgamento universal sobre o caráter correto ou incorreto é tão pouco adequado para proposições fósseis quanto o julgamento atemporal para a realidade paleontológica: o brontossauro certamente era tão bem adaptado ao seu ambiente quanto o lagarto atual ao seu. Tirados dos seus ambientes, não podem ser chamados de “adaptados”, nem de “mal-adaptadas”.

O desenvolvimento do pensamento transcorre de uma maneira muito mais rápida do que aquele ensinado pela paleontologia, de modo que assistimos constantemente às “mutações” do estilo de

pensamento (*"Mutationen" des Denkstiles*). A transformação da física e do seu estilo de pensamento em virtude da teoria da relatividade, ou da bacteriologia em virtude da teoria da variabilidade e da teoria da ciclogenia assemelham-se a essas mutações. De uma só vez, tornou-se difícil decidir sobre o que seria espécie e o que seria indivíduo, qual seria a amplitude do conceito de ciclo de vida. O que há alguns anos era considerado fenômeno natural, hoje se apresenta como complexo de artefatos. Logo não poderemos dizer se os ensinamentos de Koch são corretos ou não: com base na falta de clareza da situação atual, nascerão novos conceitos, incongruentes com os de Koch.

Talvez uma outra comparação explicita melhor o significado das pré-ideias, por exemplo, a questão da origem das palavras, que foi objeto de suposições recentes por parte de psicólogos: "As palavras não seriam, originalmente, grupos fonéticos, atribuídos arbitrariamente a determinados objetos, como, por exemplo, a palavra UFA para um ateliê de cinema ou L para a autoindução; elas seriam antes a transferência das vivências e dos objetos para um material moldável e sempre à mão. Em consequência disso, a reprodução verbal não seria, originalmente, uma atribuição unívoca nos moldes da lógica, mas representação viva nos moldes da geometria. O sentido estaria imediatamente contido nessas formações fonéticas."⁴ Talvez, o caso das pré-ideias permita deduzir uma situação semelhante: a representação por pensamentos não seria, originalmente, uma atribuição unívoca como na lógica, mas a transferência de vivências em um material moldável e sempre à mão. A relação entre a representação e as vivências não seria igual à relação convencional entre um signo e um significado, mas repousaria numa correspondência psíquica entre ambos. A evidência estaria imediatamente contida nessas formações de pensamento assim geradas.

As palavras, portanto, não são, originalmente, nomes para coisas, e o conhecimento não reside – pelo menos originalmente – na imitação e pré-formação de fenômenos ou na adaptação dos pensamentos a quaisquer fatos externos, que se revelam ao homem-padrão – como Mach ensinava.⁵

⁴ Comentário de W. Metzger sobre os trabalhos de Hornbostel. *Naturwissenschaften* [Ciências Naturais], 1929, n. 43, p. 846.

⁵ Mach, Ernst. *Mechanik in ihrer Entwicklung* [A Mecânica em seu Desenvolvimento], p. 457s.

As palavras e as ideias são, originalmente, equivalências fonéticas e intelectuais das vivências, que são dadas de modo concomitante. Isso explica o significado mágico das palavras e o significado dogmático, religioso das frases.

Tais ideias originais são sempre demasiadamente amplas e pouco específicas. Paralelamente ao desenvolvimento dos significados das palavras, segundo Hornbostel, há também um desenvolvimento das ideias, que não se move, "por meio da abstração, digamos, do particular ao universal, mas, por meio da diferenciação (especialização), do universal ao particular".

▪ 3. SOBRE A TENDÊNCIA À PERSISTÊNCIA DOS SISTEMAS DE OPINIÃO E A HARMONIA DAS ILUSÕES ▪

▪ Os pontos de vista enquanto formações estilísticas autônomas ▪

Uma vez formado, um sistema de opinião elaborado e fechado, constituído de muitos detalhes e relações, persiste continuamente diante de tudo que o contradiga.

A história do conceito da epidemia venérea (*Lustseuche*) proporciona um exemplo por excelência de tal tendência em virtude de sua persistência duradoura contra qualquer compreensão nova. Não se trata de mera inércia, ou de cautela diante das inovações, mas de um procedimento ativo, que se divide nos seguintes graus de intensidade:

1. Uma contradição ao sistema parece ser impensável.
2. Aquilo que não cabe no sistema permanece despercebido, ou
3. é silenciado, mesmo sendo conhecido, ou,
4. mediante um grande esforço, é declarado como não contradizendo o sistema.
5. Percebem-se, descrevem-se e até se representam determinados estados das coisas que correspondem aos pontos de vista em vigor, que, por assim dizer, são sua realização – apesar de todos os direitos dos pontos de vista contrários.

Não existe, na história do saber, uma relação lógico-formal entre as concepções e sua comprovação: as provas seguem as concepções assim como, de maneira inversa, as concepções seguem as

provas. As concepções não são sistemas lógicos – por mais que queiram sê-lo –, mas unidades estilísticas, que se desenvolvem e regridem como tais ou transitam para outras unidades com suas provas. Cada época tem concepções dominantes, restos das concepções passadas e predisposições de concepções futuras, em analogia com todas as formas sociais. Uma das tarefas mais nobres da teoria comparada do conhecimento seria a de investigar como as concepções, ideias pouco claras, circulam de um estilo de pensamento (*Denkstil*) para o outro, como surgem enquanto pré-ideias espontâneas e como se conservam, graças a uma harmonia da ilusão, enquanto formações persistentes e rígidas. Somente por meio dessa comparação e investigação das relações, chegamos a uma compreensão da nossa época.

Para tornar o exposto mais claro, dou alguns exemplos de acordo com os graus enumerados de intensidade relacionada com a tendência à persistência dos pontos de vista.

1. Quando uma concepção penetra suficientemente num coletivo de pensamento, quando invade até a vida cotidiana e as expressões verbais, quando se tornou literalmente um ponto de vista, qualquer contradição parece ser impensável e inimaginável. Alegava-se contra Colombo: “Será que alguém perdeu os sentidos a ponto de acreditar que houvesse antípodas, cujos pés estão voltados contra os nossos? Pessoas que andam com as pernas viradas para cima e com as cabeças penduradas para baixo? Que existisse uma região na terra, onde as coisas de baixo se encontram em cima, onde as árvores crescem para baixo e a chuva, o granizo e a neve caíssem para cima? A ilusão de a terra ser redonda é a causa para essa fábula tola” etc.

Hoje sabemos que os conceitos “em cima” e “em baixo” causaram essa impensabilidade (*Undenkbarkeit*), que se dissolve numa investigação relativista. Encontramos as mesmas dificuldades ao usar os conceitos de existência, de realidade, de verdade etc. de maneira absoluta. Kant precisava, inevitavelmente, de um substrato incognoscível dos fenômenos sensoriais como a “coisa em si”, porque, “caso contrário, seríamos levados à proposição absurda de que haveria fenômenos sem haver algo que aparecesse”.⁶ Algo análogo

⁶ Kant: *Kritik der reinen Vernunft, Vorrede zur zweiten Auflage*. In: Kant, *Sämtliche Werke*, Inselausgabe, Bd. 3, S. 22. Na tradução portuguesa: Kant, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 2. ed. Lisboa: Gulbenkian, 1989. p. 25. (N.T.)

encontramos em Wundt: “O que fazer com qualidades e estados que não sejam qualidades e estados de alguma coisa?”⁷

2. Qualquer teoria abrangente passa por uma fase clássica, na qual somente se percebem fatos que se enquadram com exatidão, e uma fase de complicações, quando as exceções se manifestam. Paul Ehrlich, o grande criador de teorias, sabia disso muito bem: “Infelizmente, neste caso⁸ também, as coisas se comportam como em todas as questões científicas: ficam cada vez mais complicadas.” No final, as exceções ultrapassam o número dos casos regulares.

Entre a química clássica e a química dos coloides existe essa relação. Na natureza ocorrem muito mais reações coloidais do que clássicas. Mesmo sendo mais frequentes, essas ocorrências tiveram que esperar mais tempo para serem descobertas. Muitos fenômenos dos curtumes, das tinturarias, da indústria de cola, borracha e explosivos não correspondem às leis da química clássica. Temos que supor, também, leis específicas para explicar por que o solo cultivável possui a capacidade de reter sais nutrientes, que, de acordo com as leis clássicas (da química e da física) teriam que ser levados pela água sem que houvesse qualquer impedimento. Durante muito tempo, não se viam todas essas “exceções”.

Um exemplo instrutivo é o destino das observações de Bjerrum e Hant (1908), que esperaram por mais ou menos dez anos até que outras pessoas as enxergassem, porque contradiziam a teoria clássica da dissociação eletrolítica. Faltaram ainda os trabalhos de Laue e Bragg. Permanecia despercebido o simples fato de que soluções de sal, cujos íons são coloridos, podem, quando diluídas, mudar a cor da solução de uma maneira como se o grau de dissociação não se tivesse alterado; ou o fato de que o acréscimo de CaCl_2 a soluções de sal leva a um deslocamento da reação atual da mistura em direção a uma maior acidez.

Um exemplo da vida cotidiana: na época em que a sexualidade era um sinônimo de impureza e a ingenuidade, de pureza, as crianças ingênuas eram, por sua vez, consideradas assexuadas. Não era possível ver sua sexualidade. Uma comédia impressionante! Afinal, todos fomos crianças um dia, e ninguém vive totalmente

⁷ Wundt, W. *Die Logik* [A Lógica]. Vol. I, p. 446.

⁸ Ehrlich se refere à sua análise de toxina.

afastado das crianças. Mas, mesmo assim, foi preciso a psicanálise para se descobrir a sexualidade da criança.

A teoria clássica das doenças infecciosas oferece o mesmo espetáculo: ela atribuía a cada doença infecciosa uma causa na forma de “agentes” minúsculos e vivos e não enxergava, ou melhor, não estava em condições de perceber, que esse “agente” ocorre também em pessoas saudáveis. Apenas muito mais tarde, descobriu-se o fenômeno do transmissor de bacilo. Em seguida, houve um segundo golpe: a variabilidade dos micro-organismos. Na época de Koch, no auge da doutrina da especificidade, não se admitia o reconhecimento da variabilidade;⁹ muito tempo depois aumentaram as observações relacionadas a esse fenômeno. O terceiro golpe na teoria clássica da infecção veio do vírus filtrável. Torna-se evidente, então, que a infecção clássica, isto é, a invasão por um agente, é um caso excepcional no mecanismo do surgimento de uma infecção.

Esse exemplo é que esclarece o quanto a tendência à persistência dos sistemas de opinião, que se apresentam como totalidades fechadas, pertencem inevitavelmente à fisiologia do conhecimento. O processo de conhecimento se desenvolve somente nesta e em nenhuma outra sequência: somente uma teoria clássica com suas conexões plausíveis (a saber: enraizadas na época), fechadas (a saber: restritas) e propagáveis (a saber: conforme ao estilo) possui um poder promovedor. Assim, por exemplo, se os bacilos de Löffler tivessem sido encontrados em pessoas saudáveis, não teriam sido isolados. Devido à sua falta de relação com a mania da causalidade da época, tampouco teriam despertado a atenção necessária, nem teriam provocado a energia necessária de trabalho.

Desse modo, toda descoberta é inseparavelmente intrincada com o chamado erro: para se perceber uma relação, uma outra relação deve passar despercebida, deve ser negada ou ignorada.

Os fenômenos da fisiologia do conhecimento se comportam em analogia com fenômenos da fisiologia do movimento: para se executar o movimento de um membro, todo um sistema chamado miostático tem que ser imobilizado para formar uma base fixa. Qualquer movimento consiste em dois processos ativos: em movimentos

⁹ Isso selou o destino de Nägeli na polêmica com Kohn e Koch.

e bloqueios. De maneira análoga, temos, na fisiologia do conhecimento, um determinar dirigido, voltado para um objetivo, e um abstrair em direção contrária, sendo que ambos se complementam.

3. Entre os graus de intensidade de uma tendência à persistência ativa dos sistemas de opinião, mencionamos o silenciamento de uma “exceção”. Uma tal exceção, para dar um exemplo entre muitos outros, é representada pelos movimentos de Mercúrio em relação às leis de Newton. Apesar de conhecidas entre os especialistas, elas passaram em silêncio para o público mais amplo, uma vez que contradiziam as opiniões dominantes. Agora, quando se tornaram úteis para a teoria da relatividade, são citadas.

4. Principalmente a persistência com a qual se “explica” aquilo que contradiz uma opinião, o conhecido trabalho de conciliação, é muito instrutiva. Ela explica, por conseguinte, o quanto se aspira por uma sistematicidade lógica a qualquer preço e até que ponto a lógica é passível de interpretação na prática. Qualquer ensinamento procura ser um sistema lógico – e quantas vezes é uma petição de princípio!

A citação da seguinte passagem de Paracelso se impõe e nos poupa de enumerar muitos exemplos:¹⁰ “Para o homem que somente se move na luz visível da natureza é inacreditável, suscitando a oposição e o rancor de todo entendimento físico, que o ser humano seja possuído pelo diabo e que o hospede, de modo que o entendimento físico é levado a pensar: esse homem não é homem, mas um diabo. Não é uma obra miraculosa de Deus que o homem, vivo sobre a terra, parece ter um diabo,¹¹ sendo que o homem é uma imagem de Deus, e não do diabo, e que este está tão distante do homem quanto a pedra da madeira? Não somente que o homem seja uma imagem de Deus, ele também foi redimido do diabo pelo Filho de Deus. Por isso, é inacreditável que, não obstante, ele seja jogado nessa prisão terrível e que não tenha nenhuma proteção.”

Temos aqui duas crenças que entram em conflito: uma que diz que o homem poderia estar possuído pelo diabo, e a outra que diz

¹⁰ “Das doenças invisíveis”, na transcrição de Richard Koch e Eugen Rosenstock.

¹¹ No original (na edição de Huser, Basel, 1589): “Ist das nit ein wunderbarlich Werck durch Gott, das d' Mensch soll lebendig auff Erden ein Teufel zuhaben, erscheinen?”

que foi redimido do diabo. Nenhuma dessas afirmações pode ser posta em dúvida, mas alguma coisa tem de ser feita pela lógica. O que vai providenciar, então, a concordância necessária? O milagre de Deus! Desse modo, salva-se a lógica e o entendimento físico não tem mais como cultivar “desgosto nem rancor”.

E, apesar disso, tudo está conforme com o estilo de pensamento, por mais que sintamos a falta de lógica! Basta ter empatia pelo mundo de um Paracelso! Por um mundo onde cada objeto, cada acontecimento são símbolos e onde cada símbolo, cada metáfora têm um valor objetivo. Por um mundo repleto de sentido escondido, de espíritos e de poderes misteriosos. Repleto de resistência e respeito, de amor e de ódio. Como se pode viver numa realidade tão passional, tão insegura e tão perigosa a não ser acreditando em milagres? Esse milagre, o princípio mais fundamental, a vivência mais imediata de sua realidade, olha-nos de todos os cantos e de todas as lacunas de sua ciência. Ele está presente antes de cada uma das observações e surge de qualquer uma delas.

Tal sistema fechado e em conformidade com o estilo não está imediatamente acessível a qualquer inovação: ele reinterpreta tudo conforme o estilo.

5. O grau mais ativo da tendência à persistência dos sistemas de opinião é formado pela ficção criativa, pela objetivação mágica das ideias, ou seja, pela declaração de que os próprios sonhos científicos são realizados.

No fundo, aqui também qualquer doutrina pode servir de exemplo, pois cada uma contém os sonhos dos pesquisadores. Mas queremos dar exemplos concretos e detalhados, antes a título de ilustração para mostrar até onde vão esses sonhos do que apenas como prova de sua simples existência.

Essa época, que considerava a mera admiração da natureza como um saber, que ainda não havia aprendido a transformar essa admiração no motor útil de uma verdadeira investigação, admirava e superestimava enormemente a conformidade dos fenômenos da natureza viva – e até da natureza morta – a um fim. Havia uma admiração especial por instintos milagrosos. Assim, Wood¹² relata no

¹² Apud Mach, *Die Mechanik*, p. 434.

seu texto de 1867, “Sobre os ninhos dos animais”, o seguinte episódio: “A grande regularidade dos alvéolos das favas tinha chamado a atenção de Moraldi. Ele mediu os ângulos das superfícies limítrofes em forma de losango, chegando a 109° 28’ e 70° 32’. Reaumur, na convicção de que esses ângulos teriam que ter uma ligação com a economia do alvéolo, pediu ao matemático König que calculasse a forma de um volume de seis lados, fechado por três losangos, tendo um máximo de conteúdo com um mínimo de superfície. Reaumur obteve como resposta que o ângulo dos losangos seria de 109° 26’ e 70° 34’. A diferença, portanto, era de dois minutos. Maclaurin, insatisfeito com essa coincidência, repetiu a medição de Moraldi, confirmou-a e percebeu, ao repetir o cálculo, um erro na tabela de logaritmos usada por König. Quem errou, portanto, não foi a abelha, mas o matemático, de modo que as abelhas ajudaram na descoberta do erro.” Até aqui chega o relato de Wood. Mach observa sobre o episódio: “Quem sabe como se medem cristais e quem já viu um alvéolo de fava, que possui superfícies bastante ásperas e não lisas como um espelho, duvidará que se possa alcançar uma exatidão de dois minutos na medição. Temos que considerar essa história, portanto, como um conto de fadas matemático... Observe-se, ainda, que a tarefa era colocada de uma maneira demasiadamente incompleta para poder avaliar até que ponto as abelhas a resolveram.”

Para quem essa ficção, perfeitamente moldada no estilo científico,¹³ não for suficiente para provar a existência da realização de sonhos científicos, é possível consultar “ficções mais objetivas” na forma de reproduções gráficas.

Numa versão da *Epitome* de Vesalius, modificada por N. Fontanus¹⁴ de Amsterdam, há, na página 33, uma figura reproduzindo o útero e, na página 32, a legenda: “Por quais vias a mulher lança fora o sêmen, no tempo de sua gravidez, uma vez que o útero se fecha tão estreitamente, de tal forma que nele não penetra nem mesmo uma agulha, conforme diz Hipócrates, *Hb. V. aforismo. li. e liv.? Resp.* Por uma certa ramificação, derivada do vaso ejaculatório e inserida no colo do útero. *Tal como consta nesta figura.*”

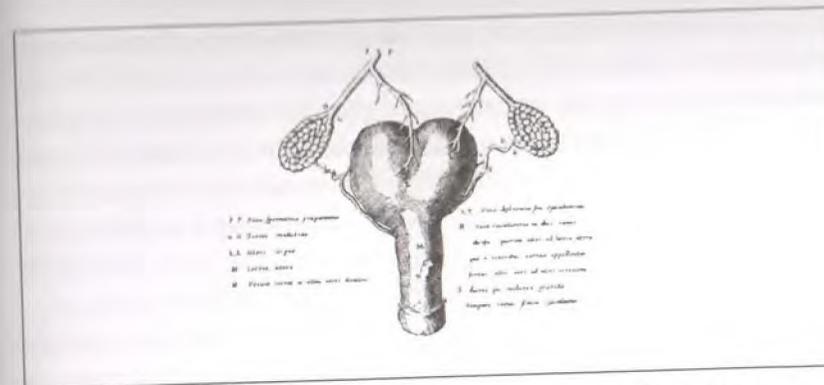
¹³ Munida de nomenclatura, números exatos e medições repetidas.

¹⁴ A mesma opinião se encontra também em outros autores; cf. Bartholini, *Anatome*.

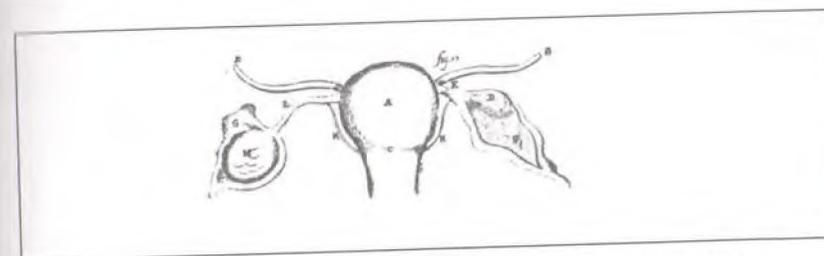
A ideia, oriunda da Antiguidade, da analogia fundamental entre os órgãos genitais masculinos e femininos é concretizada de maneira maravilhosa numa reprodução, como se realmente existisse. Quem entende de anatomia logo percebe a modificação das proporções conforme essa teoria e uma correspondente localização dos órgãos.¹⁵ Verdade e ficção, ou melhor: relações que permaneceram na ciência e aquelas que dela desapareceram – aqui elas aparecem visivelmente lado ao lado. Um aspecto característico é o “duto pelo qual as mulheres grávidas, no momento do coito, lançam fora o sêmen,” duto este que é designado por S. A anatomia atual não conhece esse *ductus*, indispensável para a teoria da analogia, que o representava conforme as exigências teóricas – ao lado de / e em conjunto com outros dados importantes de observação.

Quando consultei essa reprodução para o presente trabalho, tive a tentação de cotejá-la com uma reprodução “verdadeira” e “conforme à natureza”. Eu folheava alguns atlas anatômicos modernos e livros didáticos sobre ginecologia e encontrei muitos bons livros, mas nenhum deles fiel à natureza: todos foram visivelmente retocados, todos eram esquemáticos, quase simbólicos, todos fiéis à doutrina e não à natureza. Num livro didático sobre técnicas de dissecação, encontrei uma fotografia. Esta também estava recortada e marcada por linhas de orientação e flechas de localização. Dessa maneira, convenci-me, uma vez mais, de que nenhuma reprodução fiel pode ser cotejada com a ultrapassada: é doutrina contra doutrina. É verdade que a doutrina de hoje se apoia numa técnica de exame muito mais desenvolvida, numa experiência muito mais ampla e numa teoria mais aprofundada. Desapareceu a analogia ingênua entre os órgãos dos dois sexos. Sabemos de muito outros detalhes. Mas o caminho da dissecação até a doutrina formulada é muito emaranhado, muito pouco imediato e muito condicionado pela cultura. Quanto mais nos damos conta desse caminho, tanto maior o número de relações associadas à história do pensamento, à psicologia e aos autores se nos apresenta. Nas ciências exatas, assim como na arte e na vida, não existe outra fidelidade à natureza senão a fidelidade à cultura.

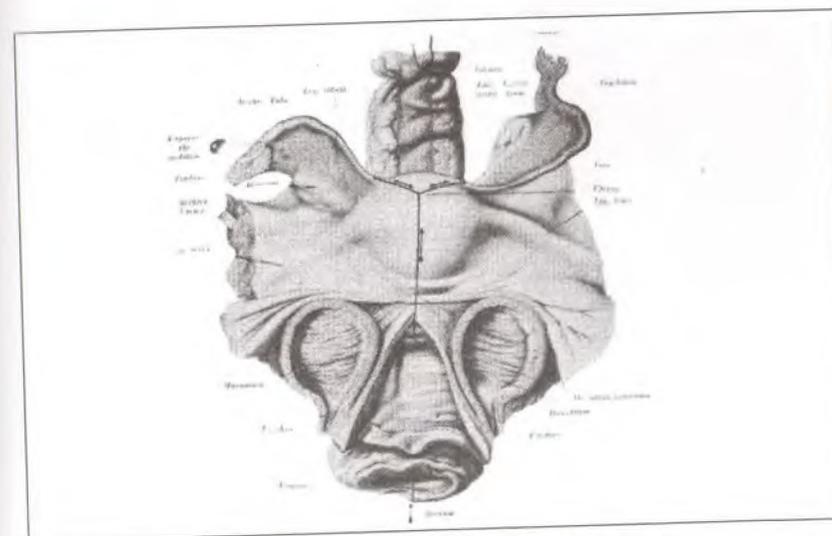
¹⁵ Cf. as reproduções entre as páginas a seguir.



Aus *Andreae Vesalii Brux.* *Suorum humani corporis fabrica librorum epitome cum annotationibus Nicolai Fontani*, Amsterdam 1642



Aus *Thomae Bartholini Anatome*, Lugduni Batavorum 1673



Aus *Nauwerck, Sektionstechnik*, Jena 1912

Qualquer tentativa de legitimação, *realizada concretamente*, possui apenas um valor limitado: ela é vinculada a um coletivo de pensamento. Ninguém está em condições de compreender logicamente o estilo de opiniões e a habilidade técnica, necessária para qualquer investigação científica. Uma legitimação, portanto, somente é possível onde, no fundo, já não é mais necessária, a saber, entre pessoas da mesma constituição mental, que pertencem ao mesmo estilo de pensamento e com uma formação específica semelhante.

Em Berengar,¹⁶ por exemplo, há uma passagem na qual ele discute a velha questão da origem das veias: segundo Aristóteles, as veias têm sua origem no coração, segundo Galeno, no fígado. “Digo, contudo, que as veias não se originam do coração nem do fígado, a não ser imprópria e metaforicamente. No entanto, digo que, metaforicamente, elas se originam mais do fígado do que do coração, nisso eu confio mais nos médicos do que em Aristóteles.” É óbvio que, nesse caso, qualquer discussão lógica seria fadada ao fracasso. Não conhecemos as origens “metafóricas e figurativas” das veias, apenas conhecemos a “origem” morfológica, filogenética e embriológica dos vasos sanguíneos. Para nós, o organismo não é nenhuma metáfora e coleção de símbolos, apesar de não podermos fornecer a razão lógica por que mudamos o estilo dos pontos de vista.

Isso não ocorre pela simples falta de “contato imediato com a natureza” durante e mediante a dissecação, pois, mesmo nas indicações mais absurdas, podemos ler a fórmula “o que ficou evidente mediante as dissecações”. De modo geral, esse contato era muito mais tênue; investigava-se muito menos por meio da dissecação do que pelas opiniões antigas, sendo que isso era tanto a causa quanto o efeito do antigo estilo de pensamento: as opiniões mil vezes repetidas rendiam mais para aqueles autores e lhes eram mais seguras do que a dissecação, esse “ofício horrível”.¹⁷

Na mesma época, encontramos uma *anatomia imaginabilis* especificamente simbólica, à qual sucedeu uma época que procurava praticar uma anatomia puramente morfológica, mas não conseguia

¹⁶ Por volta do ano 1520. *Apud* Roth, *Andreas Vesalius Bruxellensis*, p. 41.

¹⁷ Hoje ainda se ensina uma ciência que baseia seus estudos especulativos quase integralmente em alguns exemplos simbólicos, reconhecendo relações lógicas do objeto de estudo antes e acima de todas as outras relações: a teoria do conhecimento especulativa.

se desfazer de símbolos filogenéticos, ontogenéticos, nem comparados.¹⁸ Depois, surgiu uma anatomia fisiológica, que usava símbolos fisiológicos, falando em órgãos químicos, no sistema endócrino e no retículo-endotelial: formações às quais não correspondem órgãos morfológicos claramente delineados. Cada época, no seu estilo, utiliza conceitos totalmente claros, uma vez que a clareza reside na sua associabilidade a outros conceitos conformes ao estilo. Apesar dessa clareza, o entendimento imediato entre os adeptos de estilos de pensamento diferentes é impossível.¹⁹ Quem é que gostaria de traduzir a velha designação anatômica do “colo”, por exemplo, numa outra? Onde é que se localizará esse órgão místico?

Ao exemplo dado de uma reprodução do século XVII, acrescentamos uma bem semelhante do século XIX. Quando Häckel, o cavalheiro romântico e cheio de vida, procurou demonstrar suas ideias sobre a descendência, ele, em algumas ocasiões, tinha a coragem de usar os mesmos clichês para a reprodução de objetos diferentes (embriões animais e humanos, por exemplo), que, segundo sua teoria, teriam a mesma aparência. Sua *História natural da criação* (*Natürliche Schöpfungsgeschichte*) está cheia de reproduções tendenciosas, isto é, adaptadas à teoria. Compare-se, a título de exemplo, o rosto inteligente do velho chipanzé ou do velho gorila na Figura XIII com os rostos exageradamente assustadores do australiano ou do papua (Figura XIV).

Para finalizar, recorremos a um exemplo especialmente grosseiro de salvar o próprio ponto de vista. “Provavelmente, as experiências de Kammerer oferecem o melhor suporte para a hereditariedade de qualidades adquiridas. Com a ajuda de umidade, de um fundo amarelo e outros fatores genéricos, ele havia transformado exemplares manchados da *Salamandra maculosa* em listrados. Ele amputou os ovários desses animais, artificialmente transformados em listrados, e transplantou neles os ovários de animais manchados.

¹⁸ “A pura anatomia dissecatória dissolveria simplesmente uma imagem de mármore com sua forma artística unitária e encantadora, transformando-a num amontoado de entulho.” (Bölsche: Ernst Häckel, ed. popular, p. 140).

¹⁹ Quem quiser se certificar dessa impossibilidade leia a mencionada polêmica entre Bethe e os anatomistas em *Kl. Woch.*, provavelmente abreviação do periódico *Klinische Wochenschrift*, 1928.

Quando cruzava esses animais com a salamandra-de-fogo, normalmente manchada, ela procriava filhotes com manchas enfileiradas. Nesse caso, as células artificialmente modificadas parecem ter influenciado nos óvulos alheios.” Esses resultados foram discutidos fervorosamente, até que, de repente, “as experiências de Kammerer foram desmascaradas como falsificações (no final de 1926), levando o pesquisador ao suicídio.”²⁰

Se alguém objetar, em todos esses casos – e, principalmente, nesse último – não se trataria mais da função normal do conhecimento, devo admitir que muitas realizações de sonhos podem ser vistas assim. Mas, pela minha experiência de médico, não podemos diferenciar exatamente entre normalidade e anormalidade; a anormalidade muitas vezes é apenas uma intensificação da normalidade. Além disso, sabemos que os efeitos sociais de ambos, tanto da normalidade quanto da anormalidade, muitas vezes são os mesmos. Se os motivos da filosofia de Nietzsche, por exemplo, tinham um caráter patológico, seu efeito social não é diferente de uma visão de mundo em condições normais. De qualquer forma, uma proposição, uma vez publicada, pertence aos poderes sociais que formam conceitos e criam hábitos de pensamento, junto com todas as outras proposições; ela determina o que “não pode ser pensado de outra maneira”. Mesmo quando combatida, as pessoas crescem com a problemática levantada por tal posição, que, circulando na sociedade, acaba sendo socialmente fortalecida.²¹ Ela se transforma numa realidade evidente, que, por sua vez, gera novos atos de conhecimento. Assim surge um sistema fechado e harmonioso, dentro do qual a origem lógica de determinados elementos não pode mais ser encontrada.

Alguma coisa resta de qualquer proposição: a solução ou o problema, mesmo se for apenas como problema da racionalidade do problema. Cada formulação de um problema já contém em si a metade de sua solução. Qualquer verificação futura sempre voltará

²⁰ Nägeli, *Allgemeine Konstitutionenlehre* [Teoria Constitucional Geral], p. 50-51. Apesar da acusação implícita de Nägeli, não acredito que tenha havido simplesmente má-fé por parte de Kammerer, um pesquisador original e assíduo.

²¹ “Condensada”, segundo Jerusalem.

apenas aos trilhos mentais existentes: nunca o futuro se livra totalmente do passado – normal ou anormal –, a não ser que aquele rompa com este a partir das próprias leis de sua estrutura específica de pensamento.

A tendência à persistência dos sistemas de opinião nos mostra que, de certa maneira, devem ser considerados como unidades, como formações autônomas de estilo. Os sistemas não são apenas a soma de proposições parciais; enquanto totalidades harmoniosas, apresentam marcas específicas de estilo que determinam e condicionam cada uma das funções de conhecimento.

O caráter fechado dos sistemas, os efeitos recíprocos entre o conhecido, as coisas a serem conhecidas e os atores do conhecimento garantem a harmonia dentro do sistema, que é, ao mesmo tempo, uma harmonia das ilusões, que não se resolvem, de maneira alguma, dentro dos limites de um determinado estilo de pensamento.

▪ 4. OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE O COLETIVO DE PENSAMENTO ▪

▪ O condicionamento social de qualquer processo de conhecimento ▪

A teoria comparada do conhecimento não deve considerar o processo do conhecimento como uma relação binária entre sujeito e objeto, entre o ator do conhecimento e algo a ser conhecido. O respectivo estado do saber, enquanto fator fundamental de cada conhecimento novo, deve entrar como o terceiro elemento nessa relação. Caso contrário, não haveria como entender de que maneira se chega a um sistema de opinião fechado e conforme a um estilo e por que se encontram predisposições para um determinado saber no passado que não eram legitimadas por razões “objetivas” (pré-ideias).

As relações históricas e estilísticas dentro do saber comprovam a existência de uma interação entre o objeto e o processo do conhecimento: algo já conhecido influencia a maneira do conhecimento novo; o processo do conhecimento amplia, renova e refresca o sentido do conhecido.

Por isso, o processo de conhecimento não é o processo individual de uma “consciência em si” teórica; é o resultado de uma

atividade social, uma vez que o respectivo estado do saber ultrapassa os limites dados a um indivíduo.

A proposição “alguém conhece algo (uma relação, um fato, uma coisa)” não é, portanto, completa, nem faz sentido, assim como as proposições “esse livro é maior” ou “a cidade A situa-se à esquerda da cidade B”. Falta-lhes alguma coisa. O correto seriam acréscimos como, para a segunda proposição: “que aquele livro”; e, para a terceira proposição: “quando alguém se encontra na estrada entre A e B ou quando se olha em direção ao norte”, ou “quando se toma, vindo de C, a estrada em direção a B”. Isso porque os conceitos relacionais “maior” e “à esquerda de” apenas ganham um sentido unívoco em conjunto com os elementos pertinentes.

De maneira análoga, a proposição “alguém conhece algo” exige um acréscimo, como, por exemplo: “com base num determinado estado de conhecimento”, ou melhor: “como membro de um determinado meio cultural”, ou, melhor ainda: “dentro de um determinado estilo de pensamento, dentro de um determinado coletivo de pensamento”.

Se definirmos o “coletivo de pensamento” como a *comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, temos, em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento*. Assim, o coletivo de pensamento representa o elo que faltava na relação que procuramos.

A frase “Schaudinn reconheceu *spir. pallida* como agente da sífilis”, sem qualquer acréscimo, carece de sentido unívoco, pois não existe “sífilis em si”. Existia apenas um conceito da época, em cuja base Schaudinn atuou ampliando-o. Tirada desse contexto, não resta à “sífilis” nenhum sentido e nenhum “conhecimento”; de forma isolada, o termo diz tão pouco quanto “maior” e “à esquerda” nos exemplos acima.

Siegel também identificou, de acordo com seu saber, agentes da sífilis. Se seu conhecimento tivesse surtido o correspondente efeito sugestivo e alcançado uma divulgação nos moldes do coletivo de pensamento, teríamos hoje um outro conceito de sífilis: parte dos casos de sífilis (segundo a nomenclatura atual) seria considerada como

parente da varíola ou de outras citomegalias. Uma outra parte seria vista como doença constitucional no sentido estrito. Em decorrência da ideia da epidemia venérea (*Lustseuche*), teriam surgido, a partir daí, conceitos totalmente diferentes sobre as doenças infecciosas e a unidade nosológica. Também por esse caminho, chegaríamos a um sistema harmonioso de conhecimento, que, entretanto, seria bastante diferente do atual.

Tal acontecimento pode ser visto como uma possibilidade lógica ou “objetiva”, porém nunca como possibilidade histórica. Na época de Siegel, já faltava ao conceito de sífilis a plasticidade para uma mudança tão profunda; cem anos antes, quando ainda possuía essa plasticidade, faltavam, para a descoberta de Siegel, as possibilidades técnicas de pensamento e de recursos. Não há problema em considerar a descoberta de Schaudinn como correta e a de Siegel como incorreta, pois a primeira possuía o vínculo com um coletivo de pensamento que só (ou quase só) era possível naquele momento, vínculo que faltava à segunda descoberta. A primeira se manifestou como ponto nodal das linhas de desenvolvimento de algumas ideias coletivas; a segunda, não. O sentido e o valor de verdade da descoberta de Schaudinn residem, portanto, na comunidade das pessoas que, trocando ideias e partindo de um passado intelectual comum, possibilitaram seu feito para depois acolhê-lo.

Formulada de maneira correta, a descoberta de Schaudinn deve ser articulada do seguinte modo: “Schaudinn, de acordo com os pontos de vista sobre sífilis e o fenômeno dos agentes, propôs reconhecer as *spiroch. pallida* como o agente da sífilis. A importância das *spiroch. pallida* passou a ser reconhecida e usada para a posterior elaboração da doutrina sobre a sífilis.” Qualquer livro didático honesto sobre bacteriologia não apresentaria as coisas dessa maneira?

Conhecer, portanto, significa, em primeiro lugar, constatar os resultados inevitáveis sob determinadas condições dadas. Estas condições correspondem aos acoplamentos ativos, formando aquilo que é percebido como realidade objetiva. O ato da constatação compete ao indivíduo.

Os três fatores que participam do processo de conhecimento, a saber, o indivíduo, o coletivo e a realidade objetiva (aquilo que é para ser conhecido), não são seres metafísicos: também são passíveis de análise, isto é, há ainda outras relações entre eles.

Essas outras relações derivam do fato de, por um lado, o coletivo ser composto por indivíduos e, por outro, de a realidade objetiva poder ser dissolvida nos contextos das ideias históricas e coletivas. Por isso, pode-se eliminar, do ponto de vista da teoria comparada do conhecimento, um ou talvez dois fatores.

Apesar de consistir em indivíduos, o coletivo de pensamento não é a simples soma deles. O indivíduo nunca, ou quase nunca, está consciente do estilo de pensamento coletivo que, quase sempre, exerce uma força coercitiva em seu pensamento e contra a qual qualquer contradição é simplesmente impensável.

A existência do estilo de pensamento torna necessária e indispensável a construção do conceito “coletivo de pensamento”. No entanto, aquele que, mesmo assim, elimina o coletivo de pensamento, deve introduzir juízos de valor e dogmas na epistemologia e passar da teoria de conhecimento geral e comparada a uma teoria específica e dogmática.

A história da doutrina da sífilis relatada, no primeiro capítulo, deixa bem claro o quanto todo trabalho científico é trabalho coletivo. Em primeiro lugar, todos os motivos do andamento das ideias são oriundos de ideias coletivas: a doença como punição pelo desejo (*Lust*) – esta é a ideia coletiva de uma comunidade religiosa. A doença decorrente da influência das estrelas pertence à comunidade dos astrólogos. A metaloterapia especulativa de médicos clínicos gerou a doutrina do mercúrio. A doutrina do sangue foi tomada de empréstimo pelos teóricos da medicina da velha voz do povo (“O sangue é um líquido muito especial”^{*}). A doutrina do agente remonta, através da etapa etiológica moderna, à representação coletiva do demônio que estaria por detrás de uma doença.

Todas as etapas no desenvolvimento do conceito de sífilis e não apenas as ideias principais são resultado de um trabalho coletivo, e não individual. Se falamos, antigamente, da descoberta de Schaudinn, ele, no fundo, personificava apenas o excelente colégio de funcionários, cujo trabalho, difícil de discernir em seus detalhes, foi exposto no capítulo anterior. O surgimento da reação de

^{*} Citação do *Fausto*, de Goethe. A frase é dita por Mefisto, ao assinar o pacto com sangue. (N.T.)

Wassermann também se deve, como mostraremos à frente, a uma espécie de experiência coletiva, que, na verdade, atuava no sentido contrário à opinião de Wassermann. Assim como Schaudinn, Wassermann é antes um porta-bandeira da descoberta do que seu realizador solitário.

Quando se olha o lado formal do universo científico, sua estrutura social é óbvia: vemos um trabalho coletivo organizado com divisão de trabalho, colaboração, trabalhos preparativos, assistência técnica, troca de ideias, polêmicas etc. Muitas publicações mostram o nome de vários autores que trabalham em conjunto. Além desses nomes, encontramos, nos trabalhos das ciências exatas, quase sempre o nome da instituição e seu diretor. Há uma hierarquia científica, grupos, adeptos e adversários, sociedades e congressos, periódicos, instituições de intercâmbio etc. O portador do saber é um coletivo bem organizado, que supera de longe a capacidade de um indivíduo.

Mesmo que a organização das ciências humanas seja menos elaborada, qualquer aprendizagem é continuação de uma tradição e de uma sociedade; apenas as palavras e os costumes unem as pessoas num coletivo.

O processo de conhecimento representa a atividade humana que mais depende das condições sociais, e o conhecimento é o produto social por excelência. Já na estrutura da linguagem reside uma filosofia imperiosa da comunidade, já numa única palavra se encontram teorias emaranhadas. A quem pertencem essas filosofias, a quem pertencem essas teorias?

Os pensamentos circulam de indivíduo a indivíduo, sempre com alguma modificação, pois outros indivíduos fazem outras associações. A rigor, o receptor nunca entende um pensamento da maneira como o emissor quer que seja entendido. Após uma série dessas peregrinações, não sobra praticamente nada do conteúdo original. De quem é o pensamento que continua circulando? Nada mais é do que um pensamento coletivo, um pensamento que não pertence a nenhum indivíduo. Não importa se os conhecimentos são verdadeiros ou errôneos do ponto de vista individual, se parecem ser entendidos corretamente ou não – peregrinam no interior da comunidade, são lapidados, modificados, reforçados ou suavizados, influenciam outros conhecimentos, conceituações, opiniões e

hábitos de pensar. Após vários rodeios dentro de uma comunidade, muitas vezes um conhecimento retorna ao seu autor inicial – e até ele o vê com outros olhos, não o reconhece como sendo seu ou, o que acontece com frequência, acredita tê-lo visto na forma atual desde o início. A história da reação de Wassermann nos dará a oportunidade de apresentar concretamente uma tal peregrinação de um conhecimento completamente “empírico”.

Essa característica social do universo científico não passa sem consequências para o conteúdo do trabalho. As palavras, antes simples designações, transformam-se em lemas; as frases, antes simples constatações, transformam-se em gritos de batalha. É algo que muda completamente seu valor social (*denksozial*): elas ganham uma força mágica, não mais mentalmente pelo seu sentido lógico – até contra ele –, mas por sua mera presença. Compare-se o efeito das palavras “materialismo” ou “ateísmo”, que, em alguns países, suscitam imediato descrédito, e, em outros, como sabemos, dão crédito. A força mágica desses lemas alcança até as profundezas da investigação de especialistas: “vitalismo” na biologia, “especificidade” na imunologia e “transformação de bactérias” na bacteriologia. Quando uma dessas palavras é encontrada num texto científico, ela não é verificada pelo seu teor lógico; ela divide imediatamente as pessoas entre amigos e inimigos.

Aparecem novos motivos que o pensamento isolado e individual seria incapaz de gerar: propaganda, imitação, autoridade, concorrência, solidariedade, inimizade e amizade. Todos esses motivos ganham importância para a teoria do conhecimento, uma vez que todo o acervo de conhecimentos e a interação mental coletiva influenciam cada ato de conhecimento que, sem eles, seria, em princípio, impossível. Qualquer teoria do conhecimento que não leva em conta esse condicionamento social de todo conhecimento é uma brincadeira. Quem, entretanto, considera o condicionamento social como um mal necessário, como uma lamentável imperfeição humana a ser combatida, não sabe que, sem esse condicionamento, o conhecimento simplesmente não é possível, e – eu diria ainda – que a palavra “conhecer” somente ganha um significado no contexto de um coletivo de pensamento.

Uma espécie de temor supersticioso impede que se atribua o que há de mais íntimo da personalidade humana, o pensamento,

também a um coletivo.²² Tal coletivo de pensamento existe logo que duas ou mais pessoas trocam ideias. Um mau observador é aquele que não percebe como uma conversa animada de duas pessoas leva a um estado em que cada uma delas manifesta ideias que não seria capaz de produzir sozinha ou em outra companhia. Surge uma atmosfera particular, que nenhum dos envolvidos consegue captar sozinho, mas que volta quase sempre logo que as duas pessoas se encontram. A duração maior desse estado gera, a partir de uma compreensão comum e de mal-entendidos mútuos, uma formação de pensamento que não pertence a nenhum dos dois, mas que faz todo sentido. Quem é seu portador e autor? O pequeno coletivo de duas pessoas. Quando um terceiro a eles se une, ele faz a atmosfera anterior desaparecer e com ela a força criativa particular do coletivo anterior; nasce um novo coletivo de pensamento.

Podemos concordar com as pessoas que chamam o coletivo de pensamento de ficção ou personificação do produto comunitário gerado mediante efeitos recíprocos. Mas o que é a própria personalidade senão a personificação de um grande número de personalidades momentâneas diferentes e de sua forma psíquica comum? Paralelamente a ela, o coletivo de pensamento consiste em indivíduos diferentes, tendo também sua forma psíquica particular e regras particulares de comportamento. Em sua totalidade, ela é até mais estável e mais coerente que o chamado indivíduo, que se constrói a partir de impulsos contraditórios.

A vida psíquica individual contém elementos incongruentes, crenças e superstições que, oriundas de complexos individuais diversos, turvam a pureza de qualquer doutrina ou sistema. Kepler e Newton, que tanto contribuíram para a concepção moderna da natureza, eram pessoas que seguiam ritos religiosos. As ideias de Rousseau sobre educação tiveram uma vida mais real no coletivo de pensamento do que na sua própria vida.

Evidencia-se que um indivíduo pertence a vários coletivos de pensamento. Como pesquisador, ele faz parte de uma comunidade com a qual trabalha e, muitas vezes de maneira inconsciente, faz surgir ideias e desenvolvimentos que, logo depois de se tornarem

²² Mesmo que ninguém se oponha a atribuir ao coletivo a criação de produtos mentais tais como linguagem, canções populares, folclore etc.

autônomos, não raramente se voltam contra seus autores. Como membro de um partido, como representante de uma classe, de um país, de uma raça etc. pertence a outros coletivos. Quando chega a viver num grupo, logo se transforma em seu membro e obedece às suas imposições. Tanto o indivíduo pode ser estudado do ponto de vista coletivo, quanto o coletivo do ponto de vista individual, sendo que, em ambos os casos, tanto a especificidade da personalidade individual quanto da totalidade coletiva somente se tornam acessíveis com o uso dos métodos adequados.

Sem dúvida, a história da ciência registra também façanhas independentes e pessoais, por assim dizer. Mas sua independência se deve apenas à falta de colaboradores e ajudantes, eventualmente de modelos, ou seja, à concentração original e autônoma de influências coletivas históricas e contemporâneas. Em analogia precisa com as façanhas pessoais em outras áreas sociais, também as das ciências só têm durabilidade quando exercem um efeito sugestivo, isto é, quando surgem num momento social favorável. Uma dessas façanhas ousadas e artísticas era a de Vesalius, descobridor da anatomia moderna. O mesmo Vesalius, vivendo no século XII ou XIII, não teria causado impacto, se é que pode ser imaginado nessa época, assim como, por exemplo, não se poderia imaginar um Napoleão antes da Revolução Francesa. Sem o momento social adequado, ambos não teriam alcançado sua grandeza histórica. Leonardo da Vinci comprova claramente a inutilidade do trabalho não contínuo; ele, apesar de anunciar grandes ideias, não legou à ciência nenhuma contribuição positiva.

Não se pretende dizer que o indivíduo não teria importância como fator do conhecimento. Sua fisiologia sensorial e sua psicologia certamente são muito importantes, mas somente o estudo da comunidade de pensamento confere estabilidade à teoria do conhecimento. Permitam-me uma comparação um tanto trivial: o indivíduo pode ser comparado a um jogador de futebol, o coletivo de pensamento ao time treinado para colaborar e o conhecimento ao andamento do jogo. Será que esse andamento só pode ser analisado a partir de cada chute individual? Perder-se-ia todo o sentido do jogo!

Auguste Comte descobriu a importância do método sociológico para o estudo de atividades intelectuais. Recentemente, ela foi ressaltada na França pela escola de Durkheim, e em Viena, entre outros, pelo filósofo W. Jerusalem.

Durkheim se refere expressamente à coerção que as configurações sociais, enquanto fatos objetivos e específicos e comportamento regularizado, exercem no indivíduo e sobre o caráter supraindividual e objetivo do imaginário coletivo. Ele fala dos produtos da atividade do espírito global “como vêm ao nosso encontro na linguagem, nas crenças, religiosas e mágicas, na existência de poderes invisíveis, de inúmeros espíritos e demônios que determinam decisivamente todo ciclo da natureza e a vida da tribo, e ainda nos costumes...”²³

Levy-Bruhl, um discípulo de Durkheim, escreve: “O imaginário coletivo tem suas próprias leis que não podem ser descobertas mediante o estudo do indivíduo branco, adulto e civilizado, muito menos quando se trata de primitivos. Ao contrário, é o estudo do imaginário coletivo e suas conexões nas sociedades inferiores que joga alguma luz no surgimento das nossas categorias e dos nossos princípios lógicos.”²⁴ – “Certamente, esse caminho levará a uma teoria nova e positiva do conhecimento, que se baseia no método comparativo.”²⁵ Levy-Bruhl combate a crença na “identidade do espírito humano”, “que, em todos os tempos e em todos os lugares, teria permanecido igual a si mesma do ponto de vista lógico”;²⁶ ele duvida que “se possa mesmo fazer uso científico da ideia de um espírito humano, concebido como intacto por qualquer experiência”,²⁷ uma vez que essa concepção “é tão quimérica quanto a do ser humano anterior à sociedade.”²⁸

Gumpłowicz se pronunciou de maneira muito marcante sobre a importância do coletivo: “O maior erro da psicologia individualista é a suposição de que o *homem* pensa. Desse erro decorre a eterna busca da origem do pensamento no indivíduo e das causas pelas quais ele pensa assim e não de outra maneira. A partir daí, os teólogos e filósofos fazem considerações, ou até dão conselhos, sobre como o homem deveria pensar. É uma cadeia de erros. Em primeiro

²³ De acordo com Jerusalem, das notas preliminares à edição alemã de Levy-Bruhl, *Das Denken der Naturvölker* [O Pensamento dos Povos ‘Naturais’ (no sentido de “povos primitivos”)].

²⁴ Levy-Bruhl, *Das Denken der Naturvölker*, p. 1.

²⁵ Op. cit., p. 2.

²⁶ Op. cit., p. 5.

²⁷ Op. cit., p. 10.

²⁸ Op. cit., p. 11.

lugar, aquilo que pensa no homem não é ele, mas sua comunidade social. A origem do seu pensamento não está nele, mas no meio social onde vive, na atmosfera social na qual respira, e *ele não tem como pensar de outra maneira a não ser daquela* que resulta necessariamente das influências do meio social que se concentram no seu cérebro.”²⁹

Jerusalem se dedica ao problema em alguns artigos, e, por último, no trabalho que leva o título apropriado: “O condicionamento do pensamento e das formas de pensamento”. “A firme crença de Kant numa estrutura lógica, inalterável e atemporal da nossa razão, uma crença que se tornou um bem comum de todos os aprioristas e que é mantida também pelos representantes mais recentes dessa corrente com muita energia, não apenas não se confirmou nos resultados da etnologia moderna, mas se evidenciou como simplesmente errônea.”³⁰ – “O indivíduo apenas se sente membro de sua tribo e mantém, com uma tenacidade inacreditável, a maneira tradicional de interpretar as percepções sensoriais.”³¹ – “Parece-me indubitável – e diversas instituições dos primitivos o corroboram – que os membros da mesma tribo se confirmam mutuamente na crença da onipresença dos espíritos e demônios. Apenas isso é suficiente para conferir realidade e firmeza a essas criações da fantasia. Mas esse processo da confirmação mútua não se encontra apenas nos primitivos. Pelo contrário: podemos observá-lo ainda hoje em plena ação na vida cotidiana. Chamo esse processo e cada produto dessa crença, que surgiu e se firmou dessa maneira, de *condensação social*.”³² – “As observações concretas e objetivas também... necessitam da confirmação mediante a observação de outros. Só então se transformam em bem comum e chegam à sua avaliação prática. Até nas ciências encontramos a ação dessas condensações sociais, o que pode ser percebido principalmente na resistência que se opõe normalmente a novas correntes de pensamento.”³³

²⁹ Gumplowicz, *Grundriß der Soziologie* [Fundamentos da Sociologia]. 1905, p. 269. Apud Jerusalem, *Die soziale Bedingtheit des Denkens und der Denkformen* [O Condicionamento do Pensamento e das Formas de Pensar]. In: *Versuche zu einer Soziologie des Wissens* [Ensaio para uma Sociologia do Saber]. Max Scheler (org.). 1924.

³⁰ Jerusalem, *Die soziale Bedingtheit...*, conforme acima, p. 183.

³¹ Jerusalem, op. cit., p. 188.

³² Jerusalem, op. cit., p. 191.

³³ Jerusalem, op. cit., p. 192.

Ora, todos esses pensadores com sua formação sociológica e humanista – por mais fecundas que sejam suas ideias – cometem um erro característico: demonstram um respeito exagerado, uma espécie de devoção religiosa diante de fatos das ciências exatas.

Escreve Levy-Bruhl: “Quando os elementos místicos perdem sua importância preponderante, as qualidades objetivas, por si mesmas, passam a chamar a atenção para si. A parte da percepção propriamente dita cresce na mesma proporção do encolhimento do imaginário coletivo místico.”³⁴

Levy-Bruhl acredita que, no pensamento científico, há conceitos que “expressam unicamente as propriedades objetivas e as condições dos seres e fenômenos.”³⁵ Mas seria difícil para ele definir as “propriedades objetivas” ou as “percepções propriamente ditas”, e uma condução da atenção pelas propriedades objetivas, que aconteceria “por si só”, é psicologicamente impossível. A percepção de propriedades cientificamente reconhecidas (desde que Levy-Bruhl as concebe como “objetivas”) tem que ser aprendida e não acontece por si só; é uma capacidade que tem que ser adquirida. Sua constatação inicial, a descoberta, acontece de uma maneira confusa e determinada pelas condições sociais, do mesmo modo que o surgimento de outros imaginários coletivos.

“Assim que a maneira de pensar das sociedades inferiores se torna acessível às experiências, ela se torna também mais sensível para a contradição,” continua Levy-Bruhl.³⁶ “Logo que a estrutura mental de uma determinada sociedade e suas instituições se desenvolvem... constitui-se e se firma o sentimento, o conhecimento daquilo que é fisicamente possível ou impossível. O absurdo físico, portanto, é como o absurdo lógico. São as mesmas causas que tornam a maneira pré-lógica de pensar insensível para um e para outro.”³⁷

Há de se objetar que ninguém possui um sentimento ou um conhecimento daquilo que seja fisicamente possível ou impossível. O que sentimos como impossível é apenas uma incongruência com o estilo de pensamento habitual. A transformação dos elementos e

³⁴ Levy-Bruhl, op. cit., p. 336.

³⁵ Levy-Bruhl, op. cit., p. 342.

³⁶ Levy-Bruhl, op. cit., p. 337.

³⁷ Levy-Bruhl, op. cit., p. 339.

outros aspectos da física moderna, sem falar da teoria das ondas da matéria, eram considerados, até pouco tempo atrás, como completamente “impossíveis”. Não existe uma “experiência em si”, à qual se teria acesso ou não. Cada ser vive as coisas à sua maneira. Vivências atuais se conectam com vivências antigas, alterando assim as condições das futuras. Cada ser, portanto, tem “experiências” no sentido de que, durante sua vida, muda a maneira de reagir. A experiência especificamente científica decorre de condições particulares, histórica e socialmente dadas. Estamos sendo treinados para ela, mas ela não nos é simplesmente acessível.

Jerusalem também acredita na possibilidade de “pensar em termos puramente teóricos” e “de constatar fatos dados de modo puramente objetivo.” – “Esta capacidade, o homem a alcança apenas paulatinamente, isto é, na medida em que se afasta dos seus vínculos sociais e se desenvolve numa personalidade *autônoma com força própria...*”³⁸ – “Somente o indivíduo fortalecido atinge a capacidade de observar fatos de maneira puramente objetiva; assim, ele aprende a pensar teoricamente, isto é, livre de sentimentos.”³⁹ Jerusalem fala da “conexão entre fato e indivíduo”. Mas como se chega à harmonia com sua frase acima citada sobre a importância da condensação social, até mesmo para a ciência?

No sentido objetivo, um juízo somente é verdadeiro se o mesmo pode ser considerado, na medida do possível, exclusivamente como *função do processo judicial*. Esse critério novo, puramente objetivo, que, até hoje, costumava ser designado, numa formulação bastante superficial e pouco útil, como ‘congruência’ do juízo com os fatos, deve ser visto, conseqüentemente, como um produto da tendência evolutiva individualista.⁴⁰

³⁸ Jerusalem, op. cit., p. 188.

³⁹ Jerusalem, op. cit., p. 193.

⁴⁰ Op. cit., p. 193. Mas logo depois se lê: “Nem toda observação de um indivíduo deve ser vista, enquanto tal, como uma experiência. Deveríamos falar em experiência somente quando, por meio de confirmações e corroborações mútuas em decorrência de uma colaboração contínua das mentes, forma-se um estoque de conhecimentos gerais e confiáveis. Mas a *experiência geral e confiável* deve ser vista como o único critério de verdade válido.” (p. 199). A enumeração dessas contradições não representa nenhuma crítica a Jerusalem – apenas mostra como, no momento do nascimento de novos estilos de pensamento, a contradição como expressão da “polêmica dos campos de visão” entra em cena.

Deve-se objetar o seguinte: um pensamento livre de sentimentos só pode ser aquele que é independente de uma atmosfera momentânea pessoal e que decorre de uma atmosfera coletiva mediana. A noção de um pensamento livre de sentimentos não faz sentido. Não existe nenhuma pura isenção de sentimentos em si ou uma pura conformidade ao entendimento em si – de que modo poderiam ser constatadas? Existe apenas congruência ou diferença de sentimentos, e a congruência homogênea de sentimentos numa sociedade se chama, no âmbito dela, isenção de sentimentos. É ela que possibilita um pensamento comunicável, sem maiores deformações, isto é, um pensamento formal, esquemático e concebível em palavras e frases, ao qual se atribui emocionalmente um poder de constatar existências autônomas. Esse pensamento é chamado então de entendimento. A relação causal, por exemplo, durante muito tempo foi considerada em conformidade pura ao entendimento, sendo, na verdade, um resquício do imaginário coletivo demonológico altamente marcado por sentimentos.⁴¹

Quando tentamos separar, de maneira crítica, o chamado subjetivo do chamado objetivo no caso concreto, encontramos novamente, a cada vez, os acoplamentos ativos e passivos dentro do saber acima mencionados. Nenhuma proposição pode ser construída apenas com base em acoplamentos passivos, há sempre a presença de algo ativo, ou, para usar o termo pouco indicado, algo subjetivo. De acordo com um outro ponto de vista, um acoplamento passivo é considerado como ativo e vice-versa, como será exposto posteriormente. Por que então essa posição excepcional das proposições científicas atuais, como querem os filósofos citados?

⁴¹ Também não podemos concordar com a posição de Jerusalem sobre o surgimento da lógica. “O surgimento da lógica está estreitamente relacionado com a formação da *ideia de toda a humanidade como uma grande unidade*. O lógico-universal é a relação da hierarquia lógica, que vale para todas as inteligências humanas, que, em seu desenvolvimento posterior, levam a uma generalização cada vez mais abrangente, na qual a experiência universal e confiável é fixada, economicamente ordenada e formulada com uma precisão cada vez maior.” (Op. cit., p. 206). Essas ideias são demasiadamente esquemáticas. Os povos primitivos também fazem parte da humanidade como uma totalidade ou não? A lógica diversa desses povos é tão pouco universal quanto a nossa. E onde estão os místicos, gnósticos etc. que vivem entre nós? A concepção de um coletivo de pensamento abrangendo toda a espécie do *homo sapiens* é pouco útil porque a troca de ideias entre as diversas sociedades humanas é mínima.

Na opinião desses filósofos, as nossas concepções atuais parecem estar numa oposição completa a todas as outras maneiras de pensar, como se nós, tornados inteligentes e clarividentes, por assim dizer, tivéssemos simplesmente nos livrado da prisão infantil do pensamento primitivo e arcaico. Possuiríamos o “pensamento verdadeiro” e a “observação verdadeira” e, por isso mesmo, *é verdadeiro* o que declaramos como verdadeiro, sendo que aquilo que aqueles outros, os primitivos ou os velhos, os deficientes mentais ou as crianças declaram como verdadeiro, *parece ser verdadeiro apenas para eles*. Essa visão arqui-ingênua lembra muito a doutrina de um linguista francês do século XVIII, que afirmava que *pain, sitos, Brot, panis* eram designações arbitrárias diversas da mesma coisa, sendo que haveria a diferença entre a língua francesa e as outras, uma vez que unicamente aquilo que se chamava *pain* em francês realmente era pão.

Um outro erro, também muito característico, é cometido pelos cientistas-filósofos. Sabem que não existem “qualidades e condições exclusivamente objetivas”, mas apenas relações dentro de um sistema de referências mais ou menos arbitrário. Mas cometem, por sua vez, o erro de ter um respeito excessivo diante da lógica, uma espécie de devoção religiosa diante das conclusões lógicas.

Para esses teóricos do conhecimento com formação nas ciências exatas, por exemplo, do círculo de Viena (Schlick, Carnap e outros), o pensamento humano – pelo menos como ideal – é algo fixo e absoluto, sendo que o fato empírico é relativo. De maneira inversa, os filósofos humanistas, anteriormente citados, consideram o fato como fixo e o pensamento humano como algo variável. É característico como os dois lados localizam o fixo no terreno que lhes é estranho.

Será que não podemos absolutamente dispensar o “fixo”? Tanto o pensamento quanto os fatos são variáveis. São variáveis apenas pelo fato de as mudanças no pensamento se revelarem na forma de fatos alterados e, de maneira inversa, fatos realmente novos podem ser encontrados apenas mediante um pensamento novo. Ainda voltaremos a esse ponto.

A fecundidade da teoria do coletivo de pensamento se evidencia justamente na possibilidade de comparar os modos de pensar primitivo, arcaico, infantil e psicótico e de analisá-los de maneira

coerente. Em última instância, isso vale também para o modo de pensar de um povo, de uma classe, de um grupo qualquer. Considere o postulado de trabalhar com um máximo de experiência como a lei suprema do pensamento científico. Uma vez que se vislumbra a possibilidade de uma teoria comparada do conhecimento, ela se transforma em dever. O antigo ponto de vista, que não passa de constatações normativas do “mau” e “bom” pensamento, é ultrapassado.

Que não se compreendam as posições aqui expostas como ceticismo. Certamente, podemos saber muitas coisas. E, se não conseguirmos saber “tudo”, de acordo com a velha receita, isso se deve simplesmente ao fato de o termo “tudo” não fazer muito sentido em nosso contexto. A cada nova descoberta, surge pelo menos *um* novo problema: a análise do objeto conhecido como tal. Assim, o número dos problemas a serem resolvidos se torna infinito, e a designação “tudo” perde o sentido.

Da mesma maneira que não existe um “tudo”, não existe um “último”, algo fundamental que servisse de base para o conhecimento lógico. O saber, portanto, não se baseia em nenhum fundamento. A engrenagem das ideias e verdades somente se conserva mediante um movimento constante e efeitos recíprocos.